

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Escola Superior de Educação Física
Programa de Pós Graduação em Educação Física



DISSERTAÇÃO

**O ensino do esporte na Educação Física Escolar: Uma análise a partir do uso
do jogo como estratégia metodológica**

João Gilberto Mattos Giusti

Pelotas, 2015

João Gilberto Mattos Giusti

**O ensino do esporte na Educação Física Escolar: Uma análise a partir do uso
do jogo como estratégia metodológica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Física da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como Requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Mario Renato de Azevedo Júnior

Pelotas, 2015

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

G538e Giusti, João Gilberto Mattos

O ensino do esporte na educação física escolar : uma análise a partir do uso do jogo como estratégia metodológica / João Gilberto Mattos Giusti ; Mário Renato de Azevedo Júnior, orientadora. — Pelotas, 2015.

67 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, 2015.

1. Educação física. 2. Ensino. 3. Metodologia. 4. Treinamento. I. Azevedo Júnior, Mário Renato de, orient. II. Título.

CDD : 796

João Gilberto Mattos Giusti

O ensino do esporte na Educação Física Escolar: Uma análise a partir do uso do
jogo como estratégia metodológica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Física da
Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como
Requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Data da Defesa:

Banca examinadora:

.....
Prof. Dr. Mario Renato de Azevedo Júnior (Orientador)
Doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas.

.....
Prof. Dr. Renato Siqueira Rochefort
Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pelotas

.....
Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser
Doutor em Ciências da Saúde pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande
do Sul

Agradecimentos

Ao Prof. Mario Renato de Azevedo Junior, orientador desta dissertação, pelas trocas de conhecimentos, discussões, contribuições e pelas aprendizagens construídas ao longo deste trabalho. Obrigado pela confiança, pelo amparo, pelo afeto, pela dedicação, pela paciência e por todas as contribuições que me constituíram pesquisador.

A minha família pela paciência, pela compreensão, pelo carinho e principalmente pelo apoio.

A todos os colegas e professores da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas e da Faculdade Anhanguera de Pelotas, que comigo conviveram e compartilharam minhas angústias, dúvidas, hesitações e descobertas no decorrer do curso.

Aos professores e amigos Renato Siqueira Rochefort e Rogério da Cunha Voser, pelas importantes contribuições no momento de qualificação do Projeto de Mestrado, pela confiança e incentivo a novos desafios profissionais e por estarem comigo no momento final.

Resumo

GIUSTI, João Gilberto Mattos. **O ensino do esporte na Educação Física Escolar: Uma análise a partir do uso do jogo como estratégia metodológica.** 2015. 67f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

O objetivo do estudo foi analisar a metodologia de ensino do esporte na Educação Física escolar na cidade de Pelotas-RS. Professores das redes municipal e estadual responderam um questionário que abordou a metodologia preferencial para o ensino das modalidades esportivas coletivas. Seis docentes participaram da segunda etapa da pesquisa através da observação de três aulas. Os resultados mostraram que a grande parte dos professores ainda pauta sua intervenção no ensino do esporte a partir dos métodos tradicionais. Por outro lado, o subestudo mostrou a factibilidade da utilização de diferentes estruturas de jogo na iniciação das modalidades envolvidas. Os resultados apoiam a ideia de que esforços em termos de formação continuada na área da Pedagogia do Esporte são necessários.

Palavras-chave: educação física e treinamento; ensino; metodologia.

Abstract

GIUSTI, João Gilberto Mattos. The structured-games **as methodology strategy in sport education in school physical education**. 2015. 67f. Dissertation (Master Degree em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

The objective of the study was to analyze the teaching methodology of sports in Physical Education in Pelotas, Brazil. Teachers of municipal and state administration answered a questionnaire about preferred methodology for the teaching of collective sports. Eight teachers were selected for a sub study through the observation of three classes. The results showed that most teachers still bases its intervention in sport education from traditional methods. On the other hand, the sub study showed the feasibility of using different game structures involved in the initiation of sports. The results support the idea that efforts in terms of continuing education in the field of Sport Pedagogy are needed.

Keywords: physical education and training; teaching; methodology.

Sumário

Apresentação Geral -----	7
1. Projeto de Pesquisa-----	8
2. Artigo: <i>O jogo enquanto estratégia metodológica no ensino do esporte na educação física escolar</i> -----	40
3. Apêndices-----	54
4. Anexos-----	63

Apresentação Geral

A presente dissertação de mestrado atende ao regimento do Programa de Pós-Graduação em educação Física da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas. O volume final contém as seguintes seções:

1) PROJETO DE PESQUISA: defendido no dia 31 de julho de 2014 e apresentado com a inclusão das modificações sugeridas pela banca revisora.

2) ARTIGO: “O jogo enquanto estratégia metodológica no ensino do esporte na educação física escolar”.

3) ANEXOS

1. Projeto de Pesquisa
(Dissertação de João Gilberto Mattos Giusti)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



Projeto de Pesquisa

O ensino do esporte na Educação Física Escolar: Uma análise a partir do uso do
jogo como estratégia metodológica

João Gilberto Mattos Giusti

Pelotas, 2014

João Gilberto Mattos Giusti

O ensino do esporte na Educação Física Escolar: Uma análise a partir do uso do jogo como estratégia metodológica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Física da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como Requisito parcial à Qualificação para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Mario Renato de Azevedo Júnior

Pelotas, 2014

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Mario Renato de Azevedo Júnior (orientador)

Prof. Dr. Renato Siqueira Rochefort - UFPel

Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser - UFRGS

Sumário

1. Introdução.....	13
1.1. O problema e sua importância	13
1.2. Objetivos	14
1.2.1. Objetivo Geral.....	14
1.2.2. Objetivos específicos.....	14
1.3. Justificativa.....	14
2. Fundamentação Teórica	16
2.1. O direito ao esporte e suas manifestações	16
2.2. Modelos de ensino do esporte	19
2.2.1. Teaching Games for Understanding – O Ensino dos Jogos para Compreensão (TGfU)	20
2.2.2. Sports Education – Modelo de Educação Desportiva.....	22
2.3. Processos metodológicos de ensino do esporte	24
2.4. Perspectivas atuais para o Ensino do Esporte.....	25
3. Material e Métodos	31
3.1. Delineamento	31
3.2. População em estudo	31
3.3. Instrumentos de coleta de dados	32
3.4. Análise dos dados.....	34
3.5. Aspectos Éticos.....	34
4. Cronograma	35
5. Referências	36

1. INTRODUÇÃO

1.1. O problema e sua importância

O esporte enquanto conteúdo nas aulas de Educação Física, tem sido cada vez mais explorado pelos professores nos seus planejamentos letivos, e para muitos, representando o único conteúdo das suas aulas, fazendo com que muitas vezes o esporte se confunda com a própria Educação Física.

O ensino de qualquer modalidade esportiva tem como objetivo desenvolver as habilidades do esporte em si, como os seus princípios técnicos e táticos. Além disso, no espaço escolar deve estar alicerçado em princípios como a integração, socialização, inclusão e valorização da auto-estima.

Segundo Balzano (2007), o desenvolvimento das mais variadas modalidades esportivas tem sido influenciado por diferentes correntes de pensamento e pelos conhecimentos provenientes de múltiplas disciplinas científicas. Esses conhecimentos tiveram um impacto importante nas modalidades individuais como o atletismo e a natação e posteriormente nos jogos desportivos coletivos (JDC), através da transposição direta de meios e métodos, sem ter em consideração a especificidade estrutural e funcional deste grupo de desporto.

Estudos como Júnior (2010), Santana (2005) e Voser (1999), relacionados aos modelos de ensino utilizados em escolinhas, ainda mostram uma tendência para uma abordagem mais tecnicista, baseada no ensino por partes, onde a repetição e a automatização dos gestos técnicos prevalecem em detrimento a uma abordagem mais global, em forma de jogos pré-desportivos, condicionados e atividades situacionais.

Baseado neste exposto, e percebendo o esporte como um dos principais conteúdos da aula de Educação Física, e a importância deste, no desenvolvimento

da cultura corporal dos alunos ao desenvolver princípios técnicos/táticos, de inclusão, socialização e autoestima, o estudo procura responder a seguinte questão: quais as metodologias mais utilizadas no processo de ensino-aprendizagem dos esportes nas séries finais do ensino fundamental, na rede pública em Pelotas/RS?

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo Geral

Analisar a utilização do jogo enquanto ferramenta metodológica no processo de ensino do esporte na Educação Física escolar.

1.2.2. Objetivos Específicos

- Caracterizar os professores avaliados quanto ao tempo de formação, idade, sexo e participação em cursos de formação continuada na área do ensino dos esportes;
- Relacionar a formação dos professores com as opções metodológicas para o ensino dos esportes;
- Descrever a opinião dos professores quanto aos fatores que influenciam na escolha dos métodos de ensino do esporte.

1.3. Justificativa

No que diz respeito à prática de atividades físicas e esportivas, a escola deve estar constantemente preocupada em disponibilizar o máximo de experiências e, através de abordagens qualificadas, possibilitarem vivências positivas nas diversas atividades oferecidas.

Nesta perspectiva, o esporte tem uma função inegável no processo de formação, não só como conteúdo da Educação Física, mas também como atividade extracurricular que, por meio da motivação que as crianças demonstram pelas diferentes modalidades, possibilita aos professores trabalharem conjuntamente os

aspectos técnico-táticos do jogo, questões sociais, tais como a cooperação, o espírito de grupo, o respeito, a liderança, as críticas, a justiça, a autonomia, a tomada de decisão e, principalmente, as diferenças, além do estímulo determinante ao crescimento, aptidão física e desempenho motor.

O debate sobre as metodologias de ensino do esporte se intensificaram a partir da década de 90 (GRAÇA, 1995; GRECO, 1998; GARGANTA, 1998), apontando para a necessidade de reformulações conceituais e procedimentais no trato pedagógico do esporte. Assim, no que se refere à metodologia, a superação do modelo tecnicista ou que enfatiza o trabalho das partes em detrimento do todo (jogo) vem sendo amplamente discutido.

Se por um lado há evolução teórica evidente na área da pedagogia do esporte, por outro, na prática, estudos sugerem que o modelo tradicional ainda persiste no contexto da iniciação esportiva (GALATTI, 2013). Por outro lado, na Educação Física escolar é possível verificar a presença marcante do “jogo livre” enquanto recurso metodológico (HINO, REIS e ANEZ, 2007; FORTES, et al, 2012).

Desta forma, a presente pesquisa se justifica fundamentalmente pela oportunidade de verificar se o avanço do conhecimento, somado aos esforços de formação continuada entre docentes, tem impactado sobre as práticas pedagógicas no trato do esporte no cotidiano escolar.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O direito ao Esporte e suas diferentes manifestações

Um aspecto fundamental que caracteriza as mudanças de entendimento sobre o “esporte” foi a superação da perspectiva do esporte de rendimento como única forma manifestação para a uma dimensão mais ampla e democrática do direito de todos às práticas esportiva. Tubino (2010) traz uma breve descrição desse processo.

De acordo com Tubino (2010), no Esporte Moderno a perspectiva única sempre foi o rendimento, em que havia a necessidade de campeões, classificações, regras, entidades e outros aspectos imprescindíveis. Esse quadro durou praticamente até o final da década de 1970, quando, a partir da Carta Internacional da Educação Física e Esporte (UNESCO) surgiu, logo no seu primeiro artigo, a defesa do direito de todos as pessoas às práticas esportiva. O rendimento esportivo começa então a incluir gradativamente práticas esportivas de diferentes níveis, independente de idade, raça, estado físico ou técnico. No Brasil não era diferente, o esporte também era somente compreendido na perspectiva isolada e única do rendimento esportivo, tanto que a lei nº 6.251/1975 praticamente só abordava o esporte de alto nível e institucionalizado.

Entretanto somente em 1988 com a Constituição Federal o direito ao esporte chegou verdadeiramente ao Brasil. Quando, segundo Tubino (2010), o *caput* do artigo 217 (Capítulo III, Seção III, do Desporto) estabelece: “É dever do Estado fornecer práticas esportivas formais e não formais, como direito de cada um”. Para o autor esse artigo rompeu com o conceito anterior de esporte no Brasil, perspectivado no alto rendimento, e abriu as possibilidades de um esporte social no país.

Em 1993, a lei nº 8.672/1993 (Lei Zico), reforçou o esporte como direito individual, e o fenômeno esportivo foi reconhecido conceitualmente por meio das manifestações do esporte educacional (inciso I), esporte de participação (inciso II) e esporte de rendimento (inciso III). Esta a partir desta lei legitimado o reconhecimento constitucional do direito das pessoas às práticas esportivas.

Uma vez reconhecida o direito às práticas esportivas a todos, fez-se necessário diferenciá-las conceitualmente por meio de suas especificidades, considerando as diferentes formas destes exercícios, suas possíveis divisões e seus princípios (TUBINO, 2010, pág. 42).

- a) Esporte – Educação – voltado para a formação da cidadania. Está dividido em Esporte Educacional e Esporte Escolar.
 - 1- Esporte Educacional: também chamado de Esporte na Escola; pode também ser oferecido de forma informal (fora da escola); deve ter os princípios da: inclusão, participação, cooperação, co-educação e co-responsabilidade.
 - 2- Esporte Escolar: é praticado dentro da escola por jovens que possuem algum talento para a prática esportiva, em competições geralmente entre escolas; está referenciado nos princípios do desenvolvimento esportivo e do desenvolvimento do espírito esportivo (enfrentar desafios e qualidade morais).
- b) Esporte – Lazer – também conhecido como Esporte Popular, Esporte Comunitário, Esporte Ócio, Esporte Participação ou Esporte de Tempo Livre, praticado de forma espontânea e pode estar relacionado com a saúde; não existe rigidez com as regras, que podem ser as oficiais ou criadas e adaptadas pelos participantes; tem como princípios a participação, o prazer e a inclusão.
- c) Esporte de Desempenho – Conhecido também por Esportes de Competição, Esporte de Performance, Esporte Institucionalizado, praticado obedecendo regras estabelecida por entidades oficiais; tem como objetivo a busca por resultados, vitórias, recordes, títulos, projeção profissional e prêmios financeiros; tem como princípios a superação e o desenvolvimento esportivos; pode ser dividido em Rendimento e Alto Rendimento.

Outra importante mudança cultural nos procedimentos esportivos no Brasil veio com a Lei nº 9.615/1998 (lei Pelé), que reafirmou o esporte como direito individual e as manifestações que explicavam o conceito deste esporte. Para Tubino (2010), essa continuidade de percepção conceitual do Esporte estimulou a promoção de programas federais esportivo-sociais importantes, como “Esporte Solidário” e o “Esporte no 2º Tempo”, que trouxeram a inclusão de as ações de responsabilidade social do Estado usando o esporte como meio. O debate sobre as diferentes manifestações esportivas incluiu a reflexão sobre o papel do esporte no âmbito escolar. O esporte enquanto conteúdo da disciplina de Educação Física foi profundamente analisado e a área da Educação Física produziu importantes contribuições para esse debate (COLETIVO DE AUTORES, 1992; KUNZ, 1994). De forma geral, o compromisso com o acesso às práticas esportivas a todos e o trato de condutas éticas e valores através do esporte passam a assumir papel inquestionável nas propostas pedagógicas. Entre as publicações à época, pode ser destacada a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs – (BRASIL, 1997; BRASIL, 1998). Em relação ao trato pedagógico do esporte, a busca legal como direito individual e o conhecimento das suas diferentes manifestações representou uma possibilidade concreta de repensar a Educação Física, que até este momento estava impregnada de práticas vinculadas apenas ao modelo esportivista e biológico, que dominava (ou ainda domina) a Educação Física na escola (BRASIL, 1997). Nesse sentido, Reverdito e Scaglia (2009, pág. 21) sugerem que:

“O objetivo do esporte na Educação Física Escolar, assim como fora dela, nas escolas de esportes, é atuar como mecanismo interventor no processo de constituição do indivíduo, sendo este sujeito do aprendizado. Esse contexto não poderá se limitar ao ensino-aprendizado técnico, tampouco a uma única casta de alunos, mas por meio da intervenção pedagógica do educador, no papel de mediador, possibilitar a constituição de um indivíduo crítico, capaz de construir e transformar o conhecimento adquirido em benefício próprio e social.”

Para Darido (2008), a introdução do PCNs e de muitas outras abordagens, com enfoques psicológicos, sociológicos, político e também biológico, no espaço da Educação Física proporcionou uma ampliação da visão, tanto no que diz respeito a natureza, quanto no que se refere aos seus pressupostos pedagógicos de ensino e aprendizagem. Por outro lado, dados da realidade mostram que ainda há uma forte relação da Educação Física escolar com o modelo esportivista.

Por exemplo, no estudo de Pereira e Silva (2004), sobre os conteúdos da Educação Física no Ensino Médio em diferentes redes educacionais do Rio Grande do Sul, foram analisados 22 professores de 18 diferentes instituições de ensino, em seis diferentes cidades, tendo como resultado uma supremacia bastante significativa para os conteúdos esportivos. Dos 2.289 conteúdos analisados, os esportivos compreenderam 66,9% (o Futsal e o Voleibol perfaziam 71%), os ginásticos 14,4%, os recreativos 6,1%, as competições 3,1%, os teóricos 2,6%, os avaliativos 2,0%, a dança 1,5% e outros registros 3,4%. Segundo o autor, os dados deste estudo, mais uma vez propiciam o reconhecimento da magnitude da hegemonia dos esportes na realidade dos conteúdos ensinados no Ensino Médio, independente de rede de ensino e suas particularidades (PEREIRA e SILVA, 2004).

Em um estudo mais recente realizado por Fortes e colegas (2012), com o objetivo de descrever os conteúdos e ações dos professores no contexto da Educação Física na cidade de Pelotas, RS, também foi possível constatar a predominância do esporte enquanto conteúdo das aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio. O estudo foi realizado com o total de 240 observações em 68 turmas e os resultados apontaram os esportes coletivos foram os conteúdos mais frequentes (>90%).

2.2. Modelos de Ensino do Esporte

O trato pedagógico do esporte na escola ou em qualquer espaço, além do entendimento acerca dos seus compromissos e princípios, passa também pela questão metodológica do seu ensino. Considerando o foco da presente pesquisa, o fazer pedagógico do esporte na Educação Física escolar deve privilegiar o ensino para todos independente de sua condição (BRASIL, 1997).

Neste sentido Graça (2013) referindo-se a modelos alternativos para ensino dos jogos, entende que as teorias de desenvolvimento curricular e de instrução têm vindo a dar destaque ao conceito de modelo nas respectivas áreas. Assim, para Graça (2013), os modelos aparecem como um avanço em coerência e intencionalidade relativamente às ideias mais fragmentadas de estratégia, procedimentos e habilidade de ensino; como um aprofundamento e uma flexibilização relativamente à ideia mais casuística ou mais estereotipada de

métodos; e finalmente, como uma mudança de escala relativamente à ideia mais circunscrita e parcelar de estilo.

Destes modelos destacaremos os dois últimos, o Modelo de Educação Desportiva e o Modelo do Jogo para a Compreensão. No campo dos jogos desportivos coletivos, a literatura recente da área destaca a presença destes dois modelos de ensino, com diretrizes fundamentais dentro de uma nova abordagem de ensino dos jogos desportivos. No que diz respeito ao ensino dos jogos desportivos, ganham destaque na literatura duas propostas: o *Teaching Games for Understanding* (TGFU) e o *Sport Education Model* (SE).

Segundo Graça e Mesquita (2007), os dois modelos apresentam uma crítica contundente às abordagens tradicionais ao ensino dos jogos, e ao currículo de múltiplas atividades, principalmente pela sua forma descontextualizada, sendo ambos plenamente favoráveis ao ensino através dos jogos reduzidos e a contextualização das situações de jogo. Ambos dão grande importância ao componente tático e ao desenvolvimento da capacidade de jogo através da compreensão tática, ao desenvolvimento cognitivo, a capacidade de ler e escrever o jogo por parte do aluno, através das formas modificadas de jogo e da sua respectiva evolução.

Pelo menos outras duas referências importantes são utilizadas no contexto brasileiro. Graça e Oliveira (1995), em sua obra “O ensino dos Jogos Desportivos”, apresentam uma visão do processo metodológico mais voltado a dimensão tática no ensino. Mais recentemente, Greco e Benda (1998) com sua obra “Iniciação Esportiva Universal” (IEU), também vem ocupando espaço de destaque no cenário nacional, especialmente após sua difusão através do material didático utilizado no Programa Segundo Tempo do Governo Federal (OLIVEIRA e PERIM, 2009).

2.2.1. *Teaching Games for Understanding* – O Ensino dos Jogos para Compreensão (TGFU)

A proposta do Ensino dos Jogos para Compreensão (TGFU) surge no início dos anos 80 a partir da publicação de Bunker e Thorpe (1982). O objetivo central do TGFU nasce da preocupação desenvolver uma abordagem que deslocasse a atenção dedicada ao desenvolvimento das habilidades básicas do jogo, do ensino

das técnicas isoladas, para o desenvolvimento da capacidade de jogo através da compreensão tática do jogo. Entre outras palavras, a ideia era deixar de ver o jogo como um momento de aplicação de técnicas, para passar a vê-lo como um espaço de resolução de problemas (GRAÇA e MESQUITA, 2007; GRECO, 2001).

Neste conceito, segundo Greco (2001), a prática metodológica dá ênfase aos processos conscientes, intencionais de aprendizagem principalmente à aquisição de conhecimento tático necessário à solução de problemas. A ideia central é organizar as formas de jogo de maneira apropriada ao nível de compreensão e de capacidade de intervenção dos alunos ao jogo.

Conforme apresentam Graça e Mesquita (2007), as adaptações destas formas de jogo apresentam quatro princípios pedagógicos: **a seleção do tipo de jogo** (*game sampling*); **a modificação do jogo por representação** (formas de jogo reduzidas representativas das formas adultas de jogo); **a modificação por exagero** (manipulação das regras de jogo, do espaço e do tempo de modo a canalizar a atenção dos jogadores para o confronto com determinados problemas táticos); **o ajustamento da complexidade tática** (o repertório motor que os alunos já possuem deve permitir-lhes enfrentar os problemas táticos ao nível mais adequado para desafiar a sua capacidade de compreender e atuar no jogo). O jogo, de forma modificada, é o ponto central para processo de aprendizagem, é ele que dá coerência a tudo quanto se faz de produtivo na aula (GRAÇA e MESQUITA, 2007).

Dentro dessa proposta, conforme explicita Graça e Mesquita (2007), o processo de ensino parte do próprio jogo e, de forma sucessiva e cíclica, possibilita a sua análise e busca de soluções através da tomada de consciência dos princípios táticos do jogo; da tomada de decisão do que fazer e como fazer nas diferentes situações de jogo; na exercitação das habilidades necessárias à melhoria da performance no jogo e, finalmente, sobre a integração dos aspectos técnicos e táticos necessários à melhoria da performance no jogo.



Figura 1. Modelo de ensino dos jogos para a compreensão (Bunker e Thorpe, 1982 apud Graça e Mesquita, 2007)

Nessa perspectiva, o aluno participa ativamente da construção do conhecimento, pois valoriza os processos cognitivos, perceptivos, tomada de decisão e compreensão (GRAÇA e MESQUITA, 2007; GRECO, 2001).

2.2.2. *Sports Education* – Modelo de Educação Desportiva

No anos 80, Daryl Siedentop iniciou seu trabalho em defesa do esporte enquanto conteúdo fundamental na Educação Física (WALLHEAD e O'SULLIVAN, 2005). A proposta de Siedentop (1994), intitulada Modelo de Educação Esportiva (SE) e organizada no livro "*Sport Education: Quality P.E. through positive sportexperience*", sugeriu a renovação do ensino dos jogos na escola, preservando e reafirmando o seu potencial educativo. Entre seus pressupostos, ganha destaque o processo de democratização e humanização do desporto, de forma a evitar os problemas associados a uma cultura desportiva empobrecida, desfocada, tais como o elitismo, a iniquidade e a trapaça (GRAÇA e MESQUITA, 2007).

Conforme Graça e Mesquita (2007), a proposta é apresentada a partir de três eixos fundamentais: a formação de uma pessoa desportivamente competente,

desportivamente culta e desportivamente entusiasta. Para lograr êxito nessa perspectiva, o processo de ensino deve respeitar seis características fundamentais: a época desportiva, a filiação, a competição formal, o registro estatístico, a festividade e os eventos culminantes (GRAÇA e MESQUITA, 2007; WALHEAD e O'SULLIVAN, 2005).

As épocas desportivas substituem as unidades didáticas de curta duração, sugerindo que para a consolidação da aprendizagem seja necessário um tempo superior àquelas tradicionais na Educação Física. A filiação promove a integração, a socialização dos alunos em equipes e, conseqüentemente, o desenvolvimento do espírito de grupo. A implementação de um quadro competitivo formal é efetivada logo no início da unidade didática, paralelo à formação das equipes. Nessa perspectiva é fundamental o estabelecimento de mecanismos que garantam a igualdade de oportunidades para todos participarem desempenhando diferentes papéis dentro da aula. O *fair play* é enfatizado e valorizado durante todo o período, havendo pontuação para este aspecto. Simultaneamente a competição, como aspecto motivacional, estimula-se que ocorra o processo de registro de resultados, incluindo o acompanhamento estatístico individual e da equipe como forma de estimular os aluno e dar sentido aos resultados da competição. Para finalizar o processo, recomenda-se a realização de um evento culminante, caracterizado fundamentalmente pelo caráter festivo (GRAÇA e MESQUITA, 2007; WALHEAD e O'SULLIVAN, 2005).

Para os autores Wallhead e O'Sullivan (2005), o processo de ensino-aprendizagem do esporte segundo esse modelo visa não somente o domínio dos elementos técnicos e táticos das modalidades, mas também de aspectos relacionados a uma cultura esportiva positiva. Para tal, observa-se a relevância de proporcionar ao aluno a vivência de diferentes papéis da prática esportiva: além de jogador, atuar como árbitro, estatístico, técnico ou capitão (WALHEAD e O'SULLIVAN, 2005).

Por outro lado, como discutem Graça e Mesquita (2007), o SE pode apresentar resultados insatisfatório no desenvolvimento das competências táticas e motoras dos alunos em função da ênfase às questões de natureza sócio-afetivas em detrimento dos procedimentos didáticos inerentes ao processo de ensino-aprendizagem.

2.3. Processos Metodológicos de Ensino do Esporte

Para os autores Dietrich, Durrwachter e Schaller (1984), os princípios metodológicos do jogo são a expressão de diferentes teorias e objetivos pedagógicos e psicológicos, que os transformam em fundamentos de organização para métodos. Segundo o autor, na discussão da metodologia de jogo, dois procedimentos fundamentalmente divergentes comprovaram-se relativamente resistentes e expressivos: o princípio analítico-sintético, e o princípio global-funcional.

Segundo Dietrich, Durrwachter e Schaller (1984), a abordagem analítico-sintética, mais conhecida como método parcial, exercícios por partes, métodos analíticos, métodos de desdobramentos ou métodos analítico-sintético, quase sempre está considerando o princípio analítico-sintético. Segundo o autor, nessa perspectiva a série de exercícios assume papel de destaque enquanto estratégia metodológica de ensino. Na mesma linha de raciocínio, Garganta (2002) sugere que a ênfase está nos aspectos técnicos e na execução de elementos fundamentais próprios da modalidade, como, por exemplo, a condução, o drible, o passe e o chute.

De maneira geral, essa metodologia propõe que o aluno só aprende a jogar após o controle motor desses elementos. Os princípios do método estão vinculados à ideia de que se deve primeiro automatizar, isoladamente, cada fundamento ou elemento técnico do esporte antes de desenvolver o jogo (DIETRICH, DURRWACHTER e SCHALLER, 1984).

Entre as vantagens dessa abordagem, destacam-se (COSTA e NASCIMENTO, 2004): a) facilidade com que pode ser implantada; b) não implica necessariamente na utilização de materiais e espaços específicos; c) o professor precisa apenas ter conhecimento específico do “o que fazer” (técnica); d) há possibilidade da prática de elementos isolados e básicos do jogo; e) os alunos têm chance de iniciarem a partir da execução de elementos mais simples e menos complexos do jogo; f) devido ao fato de o processo de aprendizagem ser dividido em etapas, há considerável possibilidade de êxito na execução dos elementos técnicos.

Por outro lado, a ênfase nessa perspectiva metodológica, segundo vários autores, implica no ensino descontextualizado do jogo, carente de experiências cognitivo-táticos, dificultando o desenvolvimento de competências relacionadas à

tomada de decisão (DIETRICH, DURRWACHTER e SCHALLER, 1984; GRECO, 1998; GARGANTA, 1998; TAVARES, 2013).

Diferente da abordagem analítico-sintético, a metodologia global-funcional, que embasa o método Global de ensino, caracteriza-se pela a execução de jogos, de formas simplificadas ao jogo final. Entre as vantagens dessa metodologia, destacam-se (DIETRICH, DURRWACHTER e SCHALLER, 1984): a) o desejo dos alunos de jogar é atendido; b) a relação entre alunos é mais efetiva, as destrezas motoras e o conhecimento tático do jogo podem ser desenvolvidos simultaneamente; c) os jogadores podem vivenciar diversas experiências de jogo.

Por outro lado, o ensino dos aspectos técnicos e táticos pode vir a ser dificultado por uma sobrecarga excessiva entre os iniciantes; a possibilidade de sucesso não é tão frequente como a observada na execução dos movimentos isolados; comum na metodologia parcial; o ambiente das tarefas é complexo e de difícil controle para visualização e correção dos erros de tomada de decisão, execução de movimentos e de posicionamento.

2.4. Perspectivas atuais para o Ensino do Esporte

Nos modelos tradicionais de ensino dos jogos desportivos coletivos, como o “modelo técnico”, é enfatizada a aprendizagem dos elementos técnicos do jogo, e estes são apresentados e exercitados em situações descontextualizadas, ao mesmo tempo é desconsiderado ou vista como menos importante os conhecimentos táticos do jogo. A este respeito, Garganta (2002) afirma que desde os anos 60 a didática dos jogos desportivos coletivos repousa numa análise formal e mecanicista de soluções pré-estabelecidas, centradas no ensino através de sucessões de gestos técnicos, empregando-se muito tempo no ensino da técnica e muito pouco ou nenhum no ensino do jogo propriamente dito.

Segundo Tavares (2013), a insatisfação com as limitações decorrentes do modelo técnico, centrado no domínio da execução, antes de passar à tática, tem motivado a procura de abordagens novas alternativas. Assim, segundo o autor, um conjunto de investigações realizadas por vários autores interessados em demonstrar a validade do ensino do jogo, tendo a tomada de decisão como elemento central,

permitiu confirmar as críticas endereçadas à abordagem técnica e a necessidade de contextualizar as aprendizagens baseando-se no jogo tal qual o aluno joga.

De acordo com Tavares (2013), merece destaque o trabalho do Centro de Estudos dos Jogos Desportivos (CEJD) da Faculdade do Desporto da Universidade do Porto, com sua obra intitulada “O Ensino dos Jogos coletivos”. O conteúdo do livro aponta para uma perspectiva metodológica que incluía um tratamento didático do esporte a partir da compreensão do jogo e para o desenvolvimento da capacidade de jogo.

No Brasil, estas mesmas preocupações também são alvo de estudos, realizados principalmente por investigadores liderados por Pablo Greco, do Centro de Estudos de Cognição e Ação da universidade Federal de Minas Gerais (GRECO 1998^a, 1998, 2001).

Assim para estes autores, o ensino compreensivo nos JDC fomenta, através da reflexão sobre a prática, a relação do que se está aprendendo, com o conhecimento, promove a autonomia do jogador mediante a constante avaliação da adequação de meios empregados com o objetivo a alcançar em cada situação de prática.

Ainda sobre este tema, Garganta (1995) aborda que existem diferentes formas didático-metodológicas de ensino dos Jogos Desportivos Coletivos, decorrentes de diversas interpretações e sofrendo a influência, de várias correntes.

O autor classifica os diferentes métodos de ensino do esporte a partir de três grupos com características didático-metodológicas particulares:

a) **Centrada nas Técnicas**, onde aprendizado acontece através do ensino das técnicas analíticas para o jogo formal. O jogo é decomposto em elementos técnicos (passe, chute e outros), e existe uma hierarquização das técnicas. Como consequência acontece um jogo mecanizado, pouco criativo com comportamentos estereotipados, existindo problemas na compreensão do jogo.

b) **Centrada no Jogo Formal**, onde o aprendizado existe uma utilização exclusiva do jogo formal, o jogo não condicionado nem decomposto, a técnica surge para responder a situações globais não orientadas. Como consequência o jogo é criativo, mas com base no individualismo, virtuosismo técnico contratando com anarquia tática, com soluções motoras variadas, mas com inúmeras lacunas táticas e descoordenação das ações coletivas (GARGANTA, 1995).

c) **Centrada em Jogos Condicionados**, onde aprendizado acontece através do jogo para situações particulares; o jogo é decomposto em unidades funcionais, é sistemático, e de complexidade crescente, onde os princípios dos jogos regulam as atividades. Como consequência, as técnicas surgem em função das táticas, de forma orientada e provocada.

O Quadro 1 traz a síntese das características e consequências do trato de diferentes métodos de ensino do esporte, agrupadas por Garganta (1995, pág. 20) em três grupos distintos.

Quadro 1- Características e consequências de diferentes abordagens dos jogos desportivos coletivos (GARGANTA, 1995).

	Forma centrada nas Técnicas (solução imposta)	Forma centrada no Jogo Formal (ensaio e erro)	Forma centrada nos Jogos Condicionados (procura dirigida)
C A R A C T E R Í S T I C A S	Das técnicas analíticas para o jogo formal.	Utilização exclusiva do jogo formal.	Do jogo para as situações particulares.
	O jogo é decomposto em elementos técnicos (passe, recepção, drible).	O jogo não é condicionado nem decomposto.	O jogo é decomposto em unidades funcionais; jogo sistemático de complexidade crescente.
	Hierarquização das técnicas (1º a técnica A depois a B, etc.).	A técnica surge para responder a situação global não orientada.	Os princípios do jogo regulam a aprendizagem.
C O	Ações de jogo mecanizadas, pouco criativas, comportamentos estereotipados.	Jogo criativo, mas com base no individualismo; virtuosismo técnico contrastando com anarquia tática.	As técnicas surgem em função da tática, de forma orientada e provocada.

N S E Q U Ê N C I A S	Problemas na compreensão do jogo (leitura deficiente, soluções pobres).	Soluções motoras variadas, mas com inúmeras lacunas táticas e descoordenação das ações coletivas.	Inteligência tática: conecta interpretação e aplicação dos princípios do jogo; viabilização da técnica e criatividade nas ações de jogo.
---	---	---	--

Para se alcançar o jogo formal há, segundo Garganta (1995), a necessidade de resolver um conjunto de problemas passível de hierarquização, em função da estrutura dos elementos de jogo: jogador, bola, colega e adversário, não esquecendo o objetivo do jogo, marcar o gol ou ponto. Para o autor, devido a complexidade do jogo, na medida em que o praticante vai se familiarizando com os vários elementos do jogo, impõe-se que a aprendizagem do JDC seja faceada e progressiva: do conhecido para o desconhecido, do fácil para o difícil, do menos para o mais complexo.

O método centrado nos jogos condicionados diferentemente do analítico-sintético não é dividido em fundamentos técnicos (passe, condução, etc.), e sim em unidades funcionais criando etapas de ensino correspondentes aos diversos níveis de relação (GARGANTA, 1995).

Garganta (1995) adverte que o ensino do jogo deve atender a determinadas etapas de referência que corresponde a diversos níveis de relação, que são:

- **Eu – bola:** atenção sobre a familiarização com a bola e seu controle;
- **Eu – bola – alvo:** atenção sobre o objetivo do jogo, finalização;
- **Eu – bola – adversário:** Atenção combinação de habilidades; conquista e a conservação da posse da bola, (1x1) procura da finalização;
- **Eu – bola – colega – adversário:** jogo a 2, passa e vai (desmarcação de ruptura); passa e segue (desmarcação de apoio); contenção e cobertura defensiva.
- **Eu – bola – colegas – adversários:** jogo a 3, criação e anulação de linhas de passe, penetração e cobertura ofensiva (3x1 – 3x2).
- **Eu – bola – equipe – adversários:** do 3x3 ao jogo formal, assimilação e aplicação dos princípios do jogo, ofensivos e defensivos.

Garganta (1995) chama a atenção que o jogo é uma unidade e, como tal o domínio das diferentes técnicas (passe, condução, finalização, etc.), não permite necessariamente o acesso ao bom jogo. Para o autor na seleção ou construção dos exercícios para o ensino dos jogos desportivos coletivos, deve exigir-se que eles sejam de acessível execução, de clara explicação e compreensão, de fácil e rápida organização e não muito exigentes do ponto de vista material.

Garganta (1995) entende que a necessidade de dividir o processo em fases de ensino conduz inevitavelmente à divisão do jogo. No entanto, segundo o autor, esta divisão deve respeitar sempre que possível aquilo que o jogo tem de essencial, ou seja, a cooperação, a oposição e a finalização.

A ideia central, segundo Garganta (1995) é propor ao praticante, formas lúdicas com regra simples, com menos jogadores e num espaço menor, de modo a permitir a continuidade das ações e maiores possibilidades de concretização. Assim ao traduzir o jogo para uma escala assimilável pelos praticantes, o autor pensa ser mais ajustado dividi-lo não em elementos (o passe, o arremata, o lançamento, o drible, entre outros), mas em unidades funcionais, em que a aprendizagem é referenciada a princípios de ação e regras de gestão do jogo.

Neste sentido, Greco (2001, pág. 50) define uma estrutura funcional de jogo como:

“as estruturas funcionais estão caracterizadas por apresentar um número variado de jogadores que participam em uma situação desenvolvendo tarefas de defesa e ataque, de contra-ataque e de retorno defensivo, semelhantes as que se apresentam no jogo formal. No número de informações a serem considerados pelos protagonistas não têm o mesmo grau de complexidade, pois se modificam diferentes parâmetros inerentes ao jogo tais como: número de colegas, número de adversários, material de jogo, regras do jogo, tamanho do espaço de jogo (campo), entre outros, com a finalidade de facilitar o processo de ensino-aprendizado-treinamento”.

Assim segundo Greco (2001), as estruturas funcionais apresentam os elementos mais importantes do jogo formal, porém permitem a modificação no número de elementos tornando o jogo mais acessível e adaptado à maturidade cognitiva, coordenativa, técnica-tática, entre outros parâmetros dos alunos. Diante destas perspectivas ao ensino dos jogos desportivos, Garganta (1995) adverte que quem pretende ensinar os jogos desportivos coletivos optando por uma via estritamente técnica e analítica, deve ter consciência de que pode estar privando os participantes de um conjunto de experiência lúdicas que só o jogo pode proporcionar.

Na perspectiva do autor, o jogo deve estar presente em todas as fases do ensino-aprendizagem, pelo fato de ser, simultaneamente, o maior fator de motivação e o melhor indicador da evolução e das limitações que os praticantes vão revelando, (GARGANTA, 1995).

Se por um lado há um debate intenso na área da pedagogia do esporte desde a década de 90, apontando para a necessidade de superação do modelo tradicional de ensino (centrado na técnica), evidências sobre o contexto da Educação Física escolar no Brasil sugerem que ainda se fazem necessárias mudanças e reflexões. Acerca das tendências do trato do esporte na escola, Greco (1998) cita duas correntes distintas: aquela relacionada às formas analíticas de ensino, com o trato da técnica esportiva descontextualizada do jogo e, numa segunda corrente, aquela intitulada pelo autor de “crítico-social”. Nessa perspectiva, o esporte não é trabalhado a partir de seus conhecimentos técnico e táticos, e sim na lógica recreativa e lúdica (GRECO, 1998).

De forma a ilustrar a perspectiva “lúdica” apontada por Greco (1998), podemos citar o estudo de Hino e colegas (2007), que avaliaram as características das aulas de Educação Física quatro escolas de diferentes regiões de Curitiba-PR. Entre os resultados, destaca-se a proporção elevada de jogos (53%) enquanto conteúdo das aulas. Segundo o autor, a estratégia de ensino centrada em “jogos livres” foi observada em 35,2% do tempo das aulas. Nessa mesma linha, ao descrever as aulas de Educação Física na cidade de Pelotas, Fortes e colegas (2012) constatou que o “jogo livre” (45,3%) foi a estratégia metodológica mais utilizada nas aulas. Conforme as conclusões dos autores, o esporte segue a tendência de ser o conteúdo principal das aulas, trabalhado especialmente a partir do jogo formal (FORTES, et al, 2012).

3. MATERIAIS E MÉTODOS

3.1. Delineamento

Será realizado um estudo descritivo do tipo transversal. Através de abordagem quanti e qualitativa a pesquisa irá registrar, descrever, analisar e interpretar a prática cotidiana dos professores pesquisados.

Segundo Triviños (1992), a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave. O mesmo autor afirma que o estudo descritivo pretende descrever “com exatidão” os fatos e fenômenos de determinada realidade. Ainda o mesmo autor coloca que um estudo transversal consiste numa coleta dos dados num único instante no tempo, obtendo um recorte momentâneo do fenômeno investigado.

3.2. População em estudo

No primeiro momento, todos os professores de Educação Física das redes municipal e estadual que atuam com turmas de 6º ao 9º ano na cidade de Pelotas serão elegíveis a participar do estudo, respondendo a um questionário que abordará fundamentalmente a utilização de diferentes metodologias de ensino do esporte. Conforme a previsão dos gestores, o universo de aproximadamente 100 professores poderá fazer parte desta etapa do estudo.

Numa segunda etapa, a partir da análise das respostas do questionário utilizado anteriormente, uma amostra será composta pelos professores que relataram a utilização da metodologia pautada nos jogos. Aqueles professores que forem classificados como aplicando, em maior parte do tempo, a metodologia

pautada pelos jogos (condicionados/situacionais) serão considerados elegíveis para a próxima etapa do estudo. A coleta de dados com essa amostra, num limite de até 15 docentes, envolverá a observação *in loco* de duas aulas de Educação Física cujo conteúdo envolva esporte coletivo.

3.3. Instrumentos e Coleta de Dados

Durante o mês de maio, os gestores educacionais responsáveis pela Educação Física das redes municipal e estadual foram consultados sobre a possibilidade de uma reunião com os professores da área. A partir da confirmação quanto à realização de eventos de formação docente ao longo do ano de 2014, onde todos os professores seriam convidados, foi planejada a aplicação da primeira fase da coleta de dados. A previsão para a realização desta primeira coleta de dados em ambas as redes de ensino, segundo os gestores, tinha data prevista para o mês de julho.

Conforme já explicitado no item 3.2, a população participante da primeira etapa do estudo envolverá todos os professores de Educação Física que atuam com turmas de 6º ao 9º ano do ensino fundamental presentes na atividade de formação docente organizada por sua respectiva coordenação pedagógica (municipal ou estadual). Nesta ocasião, sob a orientação e supervisão do pesquisador principal, um questionário auto aplicado será administrado entre os docentes. O quadro abaixo traz a descrição dos objetivos da pesquisa envolvidos com a coleta e as respectivas informações abordadas no questionário (Anexo 1).

Objetivo	Informações coletas
Caracterizar os professores avaliados	- Sexo - Idade - Tempo de formação; - Tempo de atuação; - Formação em pós-graduação - Formação continuada na área de ensino do esporte

Descrever as opções metodológicas de ensino do esporte na escola	- Método mais utilizado - Fatores que influenciam na escolha dos métodos
Analisar a opinião dos professores quanto a relação entre a técnica e a tática no processo de ensino do esporte	- Hierarquização entre técnica e tática no processo de ensino-aprendizagem do esporte na escola

A segunda etapa do estudo, envolvendo a observação de aulas dos professores selecionados para a amostra, será conduzida por uma equipe de cinco acadêmicos de Educação Física, treinados especificamente para tal atividade. Um instrumento para registro das observações, com foco na metodologia de ensino do esporte foi elaborado e será testado em estudo-piloto (Anexo 2). De posse de um cronômetro e o quadro de definições conceituais, o avaliador irá registrar o tipo e o tempo de cada atividade desenvolvida na aula. Conforme já utilizado por Borges e Voser (2013), operacionalmente foram assim conceituadas as metodologias de ensino do esporte:

- Centrada na técnica: atividades práticas de forma analítica, através de exercícios técnicos com o objetivo de proporcionar o aprendizado da técnica da modalidade.
- Centrado no jogo formal: prática do próprio jogo formal, com suas regras básicas e sem adaptações significativas. O ensino da técnica e da tática se dará no próprio jogo.
- Centrado nos jogos condicionados/situacionais: prática de jogos esportivos modificados em seu formato e/ou regras, com o intuito de proporcionar o aprendizado da técnica e da tática simultaneamente.
- Outras atividades: Alongamentos, conversas, aquecimentos sem bola e recreativos sem bola (sem a intenção de desenvolver a técnica).

A planilha possui um espaço para que o avaliador possa descrever a atividade observada, de forma que dúvidas quanto à categorização final poderão ser sanadas com o auxílio do pesquisador posteriormente.

3.4. Análise dos dados

Os dados serão tratados a partir da estatística descritiva, com cálculo de proporções e médias para os dados categóricos e numéricos, respectivamente. As questões abertas serão analisadas através da descrição dos relatos dos docentes, identificando grupos de respostas para cada questão.

3.5. Aspectos Éticos

O projeto será submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa para aprovação do protocolo do estudo. Para a coleta de dados será exigida a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 3).

Os resultados serão organizados em relatórios a serem entregues aos gestores educacionais, assim como os responsáveis pela pesquisa se comprometem a oferecer aos docentes da rede pública uma oficina de Pedagogia do Esporte ao final do ano letivo de 2014.

5. REFERÊNCIAS

BALZANO, O. N. **Metodologia dos jogos Condicionados para o Futsal e Educação Física Escolar**. Porto Alegre: Autor, 2007.

BORGES. R.R.K.; VOSER. R.C. Análise dos métodos de ensino em escolas de futsal de Porto Alegre. **Revista Digital**, ano 18, n.180, maio. 2013. Disponível em:< 36TTP://www.efdeportes.com/efd85/futsal.htm>. , Acesso em: 15 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da educação. **Parâmetros curriculares nacionais, educação física**. Brasília, DF,1997. V. 7.

BRASIL. Ministério da educação. **Parâmetros curriculares nacionais, educação física**. Brasília, DF, 1998. V. 7.

BUNKER, D. THORPE, R. A Model for the Teaching of Games in Secondary Schools. In: **Bulletin of Physical Education**.1982, p 5-8.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo, Cortez, 1992.

COSTA, L. C. A.; NASCIMENTO, J. V. O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. **Revista da Educação Física**.Maringá.v. 15, n. 2, p. 49-56, 2004.

DARIDO, S.C.; **Educação Física na Escola**: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

DIETRICH, K.; DÜRRWÄCHTER, G.; SCHALLER, H. **Os grandes jogos**:metodologia e prática. Tradução de Renate Sindermann. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

FORTES, M.O. et al. A Educação Física escolar na cidade de Pelotas-RS: contexto das aulas e conteúdos. **Revista de Educação Física/UEM**. 2012. 3(1):69-78.

GALATT, L. R. et al. Pedagogia do Esporte: a diversificação na iniciação em basquetebol. In: Valmor Ramos; Michel Angillo Saad; Michel Milistetd. (Orgs.). **Temas em Movimento V3** – Jogos Desportivos Coletivos: investigação e prática pedagógica.Florianópolis: UDESC, 2013 p. 81-103.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 1995.

_____. O ensino dos jogos desportivos coletivos. Perspectivas e tendências. **Revista Movimento**, Porto Alegre, n.8, p. 19-27, 1998.

_____. O treino da tática e da técnica nos jogos desportivos à luz do compromisso cognição-ação. In: BARBANTI, V. J. ; BENTO, J. O. ; MARQUES, A. T.; AMADIO, A. C. (Orgs.). **Esporte e atividade física: interação entre rendimento e saúde**. Barueri: Manole, 2002. p. 281-306.

GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 1995.

GRAÇA, A; MESQUITA, I. A investigação sobre os modelos de ensino jogos desportivos. **Revista Portuguesa de Ciência do Desporto**. Porto2007; 7(3): 401-412.

_____. **Modelos e concepções de ensino dos jogos desportivos**. In: TAVARES, F. Jogos Desportivos coletivos: ensinar a jogar. Porto:Faculdade de Desporto Universidade do Porto. 2013.

GRECO, P. J. **Iniciação esportiva universal**: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube. Belo Horizonte: UFMG, 1998a.

_____. (Org.). **Iniciação esportiva universal**: metodologia da iniciação tática. Belo Horizonte: UFMG, v. 2, 1998.

_____. Métodos de ensino-aprendizagem nos jogos esportivos coletivos. In: Emerson Silami Garcia; Kátia Lúcia Moreira Lemos. (Org.). **Temas Atuais VI - Educação Física e Esportes**. 1ed. Belo Horizonte: Health, 2001, v. 1, p. 48-72.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. (Orgs.). **Iniciação esportiva universal**: da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Belo Horizonte: UFMG, v. 1, 1998.

HINO, A. A. F.; REIS, R. S.; ANEZ, C. R. R. Observação dos níveis de atividade física, contexto das aulas e comportamento do professor em aulas de educação física do ensino médio da rede pública. **Revista brasileira de atividade física & saúde**, Londrina, v. 12, n. 3, p. 21-30, set./dez. 2007.

JÚNIOR, J. B. L. **Análise comparativa de modelos de ensino do futsal em jovens**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2010.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1994.

OLIVEIRA, A. A. B.; PERIM, G. L. (orgs.) **Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo**: da reflexão à prática. Maringá: Eduem, 2009.

PEREIRA, F. M.; SILVA, A. C. Sobre os conteúdos da educação física no Ensino Médio em diferentes redes educacionais do Rio Grande do Sul. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 67-77, 2004.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. – **Pedagogia do Esporte: jogos coletivos de invasão**. São Paulo: Phorte, 2009.

SANTANA, W. C.; PINTO, F. Iniciação ao futsal: As crianças jogam para aprender ou aprendem para jogar? **Revista Digital**, ano 10, n.85, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd85/futsal.htm>>. , Acesso em: 15 jun. 2014.

SIEDENTOP, D. **Sport education: Quality PE through positive sport experiences**. Champaign, IL: Human Kinetics, 1994.

TAVARES, F. **Jogos Desportivos Coletivos**: ensinar a jogar. Porto: Faculdade de Desporto Universidade do Porto, 2013.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1992.

TUBINO, M. J. G. **Estudos brasileiros sobre o esporte**: ênfase no esporte-educação. Maringá: Eduem, 2010.

VOSER, R. C. **Análise das Intervenções Pedagógicas em Programas de Iniciação ao Futsal**. Porto Alegre: RCV, 1999.

WALLHEAD, T.; O'SULLIVAN, M. **Sport Education**: physical education for the new millennium? *Physical Education & Sport Pedagogy* 10, 2005.

2. Artigo

(Dissertação de João Gilberto Mattos Giusti)

Formatado segundo as normas da Revista Pensar a Prática

O JOGO ENQUANTO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA NO ENSINO DO ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR¹

João Gilberto Mattos Giusti

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Mario Renato de Azevedo Júnior

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Resumo

O objetivo do presente estudo foi analisar a utilização do jogo enquanto ferramenta metodológica para o ensino do esporte no contexto da Educação Física escolar. Professores das redes municipal e estadual atuantes na cidade de Pelotas-RS responderam um questionário que abordou a metodologia preferencial para o ensino das modalidades esportivas coletivas. Seis docentes participaram da segunda etapa da pesquisa através da observação de três aulas. Os resultados mostraram que a grande parte dos professores ainda pauta sua intervenção no ensino do esporte a partir dos métodos tradicionais. Por outro lado, a análise feita através das observações mostrou a factibilidade da utilização de diferentes estruturas de jogo na iniciação das modalidades envolvidas. Os resultados apoiam a ideia de que esforços em termos de formação continuada na área da Pedagogia do Esporte são necessários.

Palavras-chave: Educação física e Treinamento. Ensino. Metodologia.

Introdução

O esporte enquanto conteúdo nas aulas de Educação Física tem sido muito explorado pelos professores nos seus planejamentos pedagógicos (FORTES, et al, 2012), e para muitos, representando o conteúdo hegemônico das suas aulas, fazendo com que muitas vezes o esporte se confunda com a própria Educação Física (BETTI, 1999).

No âmbito escolar, o ensino das modalidades esportivas é parte integrante do compromisso da disciplina em aproximar o aluno de diferentes elementos da cultura corporal, envolvendo o trato de seus conteúdos a partir das dimensões procedimental, conceitual e atitudinal (DARIDO, 2008). Em relação aos aspectos procedimentais, a técnica e a tática nos jogos esportivos coletivos representam os conteúdos a serem desenvolvidos (GRECO, SILVA E SANTOS, 2009).

O debate sobre as metodologias de ensino do esporte se intensificaram a partir da década de 90 (GRAÇA E OLIVEIRA, 1995; GRECO E BENDA, 1998; GARGANTA, 1998), apontando para a necessidade de reformulações conceituais e procedimentais no trato pedagógico do esporte (REVERDITO E SCAGLIA, 2009). Assim, no que se refere à metodologia, a superação do modelo tecnicista ou que enfatiza o trabalho das partes em detrimento do todo (jogo) vem sendo amplamente discutido (GARGANTA, 1995; GRECO E BENDA, 1998; REVERDITO E SCAGLIA, 2009.).

Se por um lado há evolução teórica evidente na área da pedagogia do esporte, por outro, na prática, estudos sugerem que o modelo tradicional ainda persiste no contexto da iniciação esportiva (GRECO, 1998; GALATTI, et al, 2013). Por outro lado, na Educação Física escolar é possível verificar outra perspectiva extrema, com a presença marcante do

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

“jogo livre” enquanto recurso metodológico (HINO, REIZ E ANEZ, 2007; FORTES, et al, 2012).

Reverdito e Scaglia (2009), ao revisarem os estudos de importantes autores da área a respeito do ensino dos jogos coletivos de invasão, mostraram que atualmente há praticamente uma unanimidade quanto à importância do jogo no processo de ensino das modalidades esportivas. O jogo, além de imprevisível, possibilita o desafio, a motivação e a participação, apresentando constantes problemas que exigem respostas criativas e hábeis, individuais e coletivas, permitindo ao aluno compreender a sua complexidade, de forma autônoma, inclusiva e diversificada (PAES, 2009). Nesse sentido, as estratégias metodológicas devem ser orientadas por um processo de ensino para a compreensão do jogo em que somente jogando-o é possível potencializar a capacidade do sujeito de jogar melhor (REVERDITO E SCAGLIA, 2009).

O objetivo do presente estudo foi analisar a utilização do jogo enquanto ferramenta metodológica para o ensino do esporte no contexto da Educação Física escolar.

Metodologia

Foi conduzido um estudo descritivo do tipo transversal, através de abordagem quanti e qualitativa. No primeiro momento, todos os professores de Educação Física das redes municipal e estadual que atuavam com turmas de 6º ao 9º ano na cidade de Pelotas-RS foram considerados elegíveis a participar do estudo. A estimativa apontava para um número aproximado de 100 professores.

A pesquisa foi organizada em duas etapas. A partir da colaboração das coordenações da área de Educação Física das redes municipal e estadual (5ª coordenadoria regional) foi pactuada uma primeira coleta de dados com os docentes durante a realização de atividades de formação continuada promovidas pelas respectivas coordenações. Desta forma, nos meses de junho (rede municipal) e julho (rede estadual) de 2014, em espaço na programação de cada evento, foi administrado um questionário autoaplicado com os docentes, contando com as orientações do pesquisador principal. O instrumento abordou aspectos demográficos e de formação e atuação profissional, com ênfase ao trato pedagógico do esporte nas aulas de Educação Física. Duas questões foram determinantes para a seleção da amostra de professores para a etapa seguinte da pesquisa: a) descrição do método de ensino mais utilizado nas aulas onde o esporte coletivo era o conteúdo e; b) Qual a sequência lógica do ensino do esporte (relação entre técnica e tática). Aqueles que responderam priorizar o trabalho com metodologia centrada em jogos condicionados e/ou que citaram a utilização do método misto e a importância da vivência de experiências táticas anteriores ao ensino da técnica foram selecionados para a segunda etapa da pesquisa.

Entre os meses de outubro e novembro do mesmo ano foram conduzidas observações de três aulas de Educação Física cujo conteúdo era esporte coletivo. A escolha da turma, série e modalidades foi de responsabilidade do professor. Foi utilizado um instrumento para registro das observações com foco na metodologia de ensino do esporte, testado previamente em estudo-piloto. Para a descrição dos resultados e a preservação das identidades, os professores foram identificados por números (1 a 6) conforme a ordem de finalização da coleta dos dados.

Um grupo de cinco acadêmicos de Educação Física participou de um treinamento de 04 horas para a realização da coleta de dados. De posse de um cronômetro e o quadro de definições conceituais, o avaliador registrava o tipo e o tempo de cada atividade desenvolvida na aula. Conforme já utilizado por Borges e Voser (2013), operacionalmente foram assim conceituadas as metodologias de ensino do esporte:

- *Centrada na técnica*: atividades práticas de forma analítica, através de exercícios técnicos com o objetivo de proporcionar o aprendizado da técnica da modalidade;
- *Centrado no jogo formal*: prática do próprio jogo formal, com suas regras básicas e sem adaptações significativas. O ensino da técnica e da tática se dará no próprio jogo;
- *Centrado nos jogos condicionados/situacionais*: prática de jogos esportivos modificados em seu formato e/ou regras, com o intuito de proporcionar o aprendizado da técnica e da tática simultaneamente. Nessa categoria foram agrupadas estratégias metodológicas também conhecidas como jogos pré-desportivos, jogos reduzidos e situação de jogo (GALATTI, et al, 2013);
- *Outras atividades*: Alongamentos, conversa, aquecimento sem bola e recreativo sem bola (sem a intenção de desenvolver a técnica).

A partir do tempo total observado nas aulas (denominador) foi calculada a proporção de tempo da utilização de cada metodologia empregada para cada professor.

Ao final da observação de cada aula foram conduzidas entrevistas com os professores de forma proporcionar maiores esclarecimentos sobre os objetivos gerais e específicos da aula e, a partir da aula avaliada, descrever os próximos passos no planejamento para a turma. Além disso, a entrevista realizada após a terceira observação incluiu perguntas sobre quais mudanças do ponto de vista estrutural o professor entendia ser fundamental para o aprimoramento do seu trabalho no ensino do esporte (estrutura física, material, número de alunos, formação de turmas e outros aspectos).

Os dados coletados foram tratados a partir da estatística descritiva, com cálculo de proporções e médias para os dados categóricos e numéricos, respectivamente. As questões abertas foram analisadas através da descrição dos relatos dos docentes, identificando grupos de respostas para cada questão.

O protocolo do estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (Parecer 868.984). Para a coleta de dados foi exigida a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos professores em cada etapa do estudo.

Resultados

A primeira etapa do estudo contou com a participação de 54 professores, o que representou cerca de metade dos docentes que atuavam na rede pública de ensino em Pelotas-RS. A média de idade foi de 37 (DP 8) anos, variando de 24 a 54. O tempo médio de atuação profissional foi de 11 (DP 9) anos, variando de um mês a 30 anos. A maioria eram mulheres, docentes com pós-graduação em nível de especialização e com preferência pelo método misto de ensino do esporte (utilização simultânea de métodos centrados na técnica e através do jogo). Em relação à hierarquização quanto aos aspectos técnicos e táticos no processo de ensino do esporte, a maior parte dos professores (44,4%) entende que a técnica antecede a tática. A Tabela 1 traz a descrição das variáveis demográficas e relacionadas à formação e atuação profissional.

Tabela 1 – Descrição da amostra segundo variáveis demográficas e relacionadas à formação e atuação profissional.

Variáveis	N	%
Sexo		
Homens	14	25,9
Mulheres	40	74,1
Idade (anos completos)*		
24 – 30	15	28,9
31 – 40	18	34,6
≥ 40	19	36,5
Rede de ensino		
Município	22	40,7
Estado	21	38,9
Ambas	11	20,4
Pós-Graduação		
Não	11	20,4
Especialização	35	64,7
Mestrado	7	13,0
Doutorado	1	1,9
Participação em curso de formação continuada sobre ensino do esporte		
Não	32	59,3
Sim	22	40,7
Método de ensino do esporte mais utilizado		
Analítico	1	1,9
Global	5	9,3
Misto	46	85,1
Jogos condicionados	2	3,7
Hierarquização no ensino do esporte		
Técnica antes da tática	24	44,4
Tática antes da técnica	9	16,7
Não há	10	18,5
Outra perspectiva	11	20,4
TOTAL	54	100

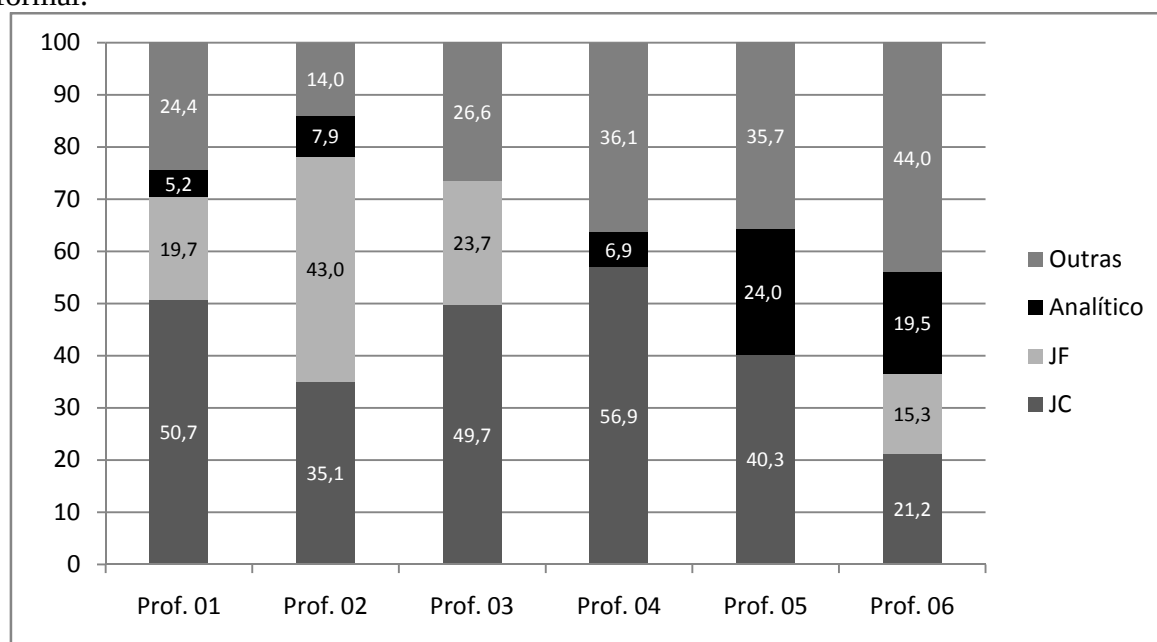
* Número de valores ignorados igual a 2

A partir da análise das respostas quanto ao método de ensino preferencial e a lógica de hierarquização técnica-tática no ensino do esporte foram selecionados oito professores para a segunda etapa da pesquisa. Desse grupo, dois mencionaram utilizar jogos condicionados e, os demais, combinaram a utilização do método misto com a resposta que indicava a experiência tática como anterior à técnica. A amostra foi composta por cinco mulheres e três homens. Apenas dois não possuíam curso de pós-graduação, sendo três com maior título em nível de especialização, dois com mestrado e um com doutorado. A maioria (N=6) participou nos últimos cinco anos de cursos de formação continuada sob a temática do ensino do esporte. Dentre os professores selecionados, dois foram considerados perdidos do estudo em função de afastamentos por motivos de saúde no período de coleta de dados. O Quadro 1 traz a descrição dos professores que participaram da segunda etapa do estudo (N=6).

Quadro 1 – Descrição dos professores e turmas observadas (N=6).

Professor	Sexo	Idade (anos)	Curso de formação continuada	Pós-graduação
01	Feminino	42	Não	Doutorado
02	Masculino	24	Sim	Especialização
03	Feminino	24	Sim	Mestrado
04	Feminino	36	Não	Não possui
05	Masculino	54	Sim	Especialização
06	Masculino	50	Sim	Não possui

Ao todo foram observadas três aulas de cada professor, compreendendo 18 aulas de Educação Física analisadas. As turmas selecionadas pelos professores para serem observadas foram na sua maioria do 6º ano (N=4). O tempo total de observação das três aulas variou de 114 a 229 minutos. Um dos professores optou por uma turma que possuía duas aulas consecutivas, explicando o tempo superior às demais. A Figura 1 mostra a proporção média da utilização de cada abordagem metodológica observada. Quatro professores aplicaram algum tipo de jogo condicionado em pelo menos 40% do tempo de aula observado. Um professor não utilizou o método analítico e dois não aplicaram atividades segundo o jogo formal.



JF - Jogo formal / JC - Jogos condicionados

Figura 1 – Proporção do tempo de utilização de cada metodologia de ensino do esporte.

O Quadro 2 traz a descrição das turmas observadas segundo a série, conteúdos e atividades desenvolvidas nas aulas. As modalidades observadas foram o futsal, handebol, basquetebol e voleibol. Todos os professores utilizaram alguma forma de jogo condicionado, ou seja, com a manutenção dos aspectos centrais da modalidade envolvida, mas com modificações no formato, regras ou condições técnicas. O jogo formal foi observado nas aulas de quatro professores, com maior presença do futsal (N=3). Jogos pré-desportivos foram observados no trabalho de cinco professores, envolvendo atividades com variadas formatações (quanto ao número de jogadores, objetivos, espaço de jogo, entre outros). A utilização da metodologia analítica foi empregada por cinco professores com a perspectiva da

aprendizagem de fundamentos técnicos individuais das modalidades de basquetebol e handebol.

Quadro 2 – Descrição das turmas e professores segundo os conteúdos e atividades desenvolvidas nas aulas observadas.

Professor/Série/ Modalidade	Outras atividades	Analítica	Jogo formal	Jogos condicionados
Professor 1 Série: 5º Ano Basquetebol	- Conversa inicial e final - Verificação de frequência cardíaca e pressão - Alongamentos	- Exercício individual de drible	- Jogo formal separado por sexo	- Situações de jogo: - 2x2 - 3x3+2 - 4x4+2 - 5x4 - Jogo pré-desportivo em forma de estafeta envolvendo drible - Jogo com variação no número de participantes em cada equipe e com modificações no alvo (trave, cone suspenso, etc)
Professor 2 Série: 6º Ano Handebol/futsal	- Conversa inicial e final - Divisão de equipes	- Exercício envolvendo passe e drible (handebol)	- Jogo formal com ênfase na marcação 6x0 (handebol) - Jogo formal (futsal)	- Grande jogo com ênfase no desenvolvimento de noções individuais e coletivas de defesa (handebol) - Jogo com modificações de regra (sem progressões) e alvo modificado (handebol)
Professor 3 Série: 9º Ano Basquetebol/futsal/ voleibol	- Conversa inicial e final - Reflexões sobre o jogo - Alongamentos - Caminhada		- Jogo formal (futsal) - Jogo formal (voleibol)	- Jogo com modificações de regra (não era permitido driblar ou tirar a bola da mão do adversário); todos os jogadores deveriam receber a bola antes da finalização; passes interceptados eram pontuados (basquetebol) - Jogo envolvendo passes (com

				variações), cuja meta era transportar a bola ao objetivo (aluno) na quadra adversária (basquetebol) - Jogo pré-desportivo em forma de estafeta envolvendo diferentes fundamentos técnicos (basquetebol)
Professor 4 Série: 6º Ano Handebol	- Conversa inicial - Divisão de equipes - Montagem da quadra - Explicações sobre o jogo	- Exercícios de arremesso individual		- Jogo pré-desportivo (jogo dos 10 passes) com alternância por sexo na realização dos passes - Jogo com modificações de regra (número mínimo de cinco passes, alternância por sexo na realização dos passes, impedimento do passe de retorno, com permissão para arremessar sem marcação com progressão de três passadas)
Professor 5 Série: 6º ano Handebol	- Conversa inicial - Divisão de equipes - Explicações sobre o jogo - Aula teórica (sistemas táticos)	Exercícios de arremesso individual com progressão (3 passos) e movimento de arremesso (sem bola e posteriormente com bola)		- Situações de jogo: - 2x1 +1 - 1x1 +1 - 3x3
Professor 6 Série: 6º Ano Futsal/Basquetebol	- Conversa inicial - Caminhada - Corridas - Circuito psicomotor - Divisão de equipes - Explicações sobre o jogo	Exercícios individuais de drible (basquetebol)	- Jogo formal (futsal)	- Jogo pré-desportivo com grande grupo, cujo objetivo era transportar a bola de basquetebol através de passes até o alvo (um aluno em pé numa cadeira)(basquetebol)

A análise comparativa entre os objetivos de cada aula citados pelos professores e as atividades observadas demonstrou coerência entre o planejado e o executado. Os objetivos foram centrados na perspectiva da aprendizagem dos aspectos técnicos e táticos das modalidades envolvidas. Ao serem questionados sobre possíveis alterações nas condições de trabalho para o alcance dos objetivos da disciplina de Educação Física, os professores foram unânimes quanto à relevância na qualificação dos espaços físicos. Os aspectos fundamentais citados foram: dimensões ampliadas, piso e cobertura das quadras. O Professor 6 destacou a necessidade da presença das tabelas de basquetebol para o desenvolvimento deste conteúdo em sua escola (salienta-se aqui o fato do professor ter trabalhado este conteúdo mesmo sem as tabelas).

Em relação aos materiais didáticos, apenas um professor manifestou satisfação com os recursos que sua escola disponibiliza. Entre os demais, aspectos como maior quantidade, diversidade e qualidade das bolas esportivas, assim como da disponibilidade de bolas adequadas à idade foram mencionadas. Quanto ao número de alunos nas turmas, metade dos docentes entendeu que em suas escolas não há problemas nesse sentido. Por outro lado, dois professores (1 e 3) destacaram que o trabalho poderia atingir maior qualidade com a diminuição do número de alunos nas turmas, enquanto que o Professor 5 demonstrou preocupação com a necessidade de aumentar o número de alunos em suas turmas. Sobre a formação das turmas, quatro professores relataram que a estrutura atual de suas escolas não necessitava alterações. Contudo, o Professor 3 demonstrou preocupação quanto a instabilidade em seu contexto em relação ao número de alunos das turmas, enquanto o Professor 6 sugeriu que turmas mais homogêneas em relação às idades facilitaria o alcance dos objetivos.

Sobre o impacto da valorização da disciplina de Educação Física enquanto facilitador do trabalho pedagógico, os professores apresentaram diferentes perspectivas. O Professor 4 entendeu que em sua realidade não há necessidade de qualquer alteração nesse sentido. Por outro lado, os Professores 1 e 2 mencionaram que o maior número de aulas semanais seria fundamental; o Professor 3 destacou a importância de um maior respeito com o docente e compreensão dos alunos sobre o papel da disciplina; o Professor 5 salientou a desvalorização por parte dos colegas de outras disciplinas e corpo diretivo, embora entenda que a maior parte das vezes o culpado seja o próprio professor de Educação Física a partir de uma atuação descomprometida e; o Professor 6 falou da falta de motivação dos alunos para as aulas de Educação Física e demais disciplinas.

Discussão

A presente pesquisa mostrou que as práticas docentes da grande maioria dos professores da rede pública da cidade de Pelotas ainda são pautadas por metodologias tradicionais, com ênfase aos métodos analítico e global, seja isoladamente ou de forma combinada – método misto.

Apesar do crescente conhecimento acerca de metodologias inovadoras de ensino do esporte, apenas dois professores identificaram suas práticas pedagógicas centradas na utilização de jogos condicionados. Diante disso, com o intuito de aumentar a amostra para a observação de aulas, foram também selecionados aqueles docentes que identificaram o método misto como preferencial, somado à ideia de que o ensino da tática antecede à técnica no processo de formação esportiva. Após a análise *in loco* das aulas, dois pontos nos remetem à reflexão: primeiro, os seis docentes observados confirmaram a utilização de metodologias de ensino que privilegiava o uso do jogo com diferentes estratégias, sendo que para quatro professores representou o contexto de aula

de maior tempo observado; em segundo, tal constatação também pode representar uma dificuldade do professor em conceituar ou definir a sua proposta a partir de um referencial teórico da área.

Algumas limitações do presente estudo precisam ser consideradas. Por exemplo, a hipótese quanto à dificuldade de conceituar ou identificar determinada perspectiva pedagógica em sua atuação docente pode ter representado a não detecção de outros professores para a segunda etapa da pesquisa e, conseqüentemente, resultou em percentuais subdimensionados quanto à ênfase de utilização de jogos para o ensino do esporte. Por outro lado, menos da metade (40,7%) dos professores relataram ter participado de algum curso de formação continuada sobre o tema em questão nos últimos anos, o que de certa forma favorece ao quadro apresentado. Outra limitação se refere ao fato de que apenas aproximadamente metade dos professores participou da coleta de dados inicial realizada durante eventos de formação. A respeito desse dado, se a não participação nos eventos de formação continuada estiver de alguma forma associada a uma atuação pouco comprometida, é plausível acreditar que o quadro ainda seja pior.

O contexto analisado revelou alguns pontos extremamente positivos. Um aspecto que merece destaque é o fato de que apenas 20,4% dos professores não possuíam cursos de pós-graduação, sendo a maioria com especialização concluída (64,7%), seguido de mestrado (13,0%) e um professor com doutorado (1,9%). Por outro lado, assim como já apontado em outros estudos (SANTINI, 2005; DAMAZIO, 2008), há uma preocupação quanto às limitações em termos de estrutura física e material para o melhor desenvolvimento dos conteúdos da disciplina.

Sobre a utilização de jogos enquanto ferramenta pedagógica importante no ensino do esporte, no universo das três aulas observadas foi possível visualizar quatro professores em que tal abordagem foi a mais presente no montante do tempo observado. O Professor 2, cujo percentual foi de 35,1% dividiu sua intervenção com o jogo formal (43,0%). Já o Professor 6, apesar de ter destinado a maior parte das aulas (44,0%) para atividades envolvendo conversas, caminhadas, corridas, atividades recreativas e coordenativas, quando direcionou as aulas aos conteúdos esportivos em questão (futsal e basquetebol) utilizou jogos condicionados (21,2%), praticamente dividindo sua intervenção de forma igual com o método analítico (19,5%) e jogo formal (15,3%).

A considerar os objetivos elencados para o trato do esporte na faixa etária em questão, foi possível identificar coerência com o proposto por autores da área. A faixa etária envolvida na pesquisa, com alunos de 5º ao 9º ano, corresponde às Fases Universal (6 a 12 anos) e de Orientação (12-14 anos) de acordo com Greco e Benda (1998). Os autores sugerem que a partir dos 8 anos os alunos podem se envolver com “jogos coletivos, através de pequenos jogos (reduzidos), jogos de iniciação, grandes jogos e em alguns casos, jogos pré-desportivos” (GRECO E BENDA, 1998, pág. 68). Na Fase de Orientação (12 aos 14 anos):

[...] a técnica deve ser trabalhada na sua forma global, procurando sua automatização-estabilização, sem insistir na perfeição do gesto. A correção deve estar dirigida aos elementos grosseiros dos diferentes programas motores e esquemas de movimento. A possibilidade de variação das técnicas, no sentido de amplos repertórios de esquemas motores, deve ser prioridade.”

[...] o jogo, em qualquer forma de organização (jogos de iniciação, pré-esportivos, grandes jogos, jogo recreativo,

entre outros), tem o sentido recreativo, porém possui um alto valor educativo, pois serão estabelecidas bases para uma *ação inteligente*. (GRECO E BENDA, 1998, pág. 71).

As observações das aulas revelaram a utilização de diferentes estruturas de jogo pautadas pela lógica das modalidades esportivas em questão. Por exemplo, ao lidar com o basquetebol e handebol, jogos pré-desportivos foram observados na forma de corrida de estafetas com a utilização de fundamentos técnicos, o tradicional “jogo dos passes” ou modificação do alvo do jogo (cesta adaptada no basquete).

Segundo PAES (2009), jogos pré-desportivos podem ser entendidos como:

[...] jogos que conservam características dos jogos desportivos coletivos, embora geralmente com regras adaptadas e caráter lúdicos. Apresentam divisão em equipes, objeto(s) a ser(em) manipulado(s) (p. ex; bola), espaço delimitado, regras pré-definidas e geralmente alvo(s). (PAES, 2009, pág. 143).

Outra estratégia para operacionalização dos jogos foi a utilização de um menor número de jogadores. As Estruturas Funcionais (GRECO, 2001) sugerem a organização das ações de ataque contra defesa de forma semelhante ao jogo formal, mas com nível de complexidade menor, obtido pela redução do número de participantes (atacantes e/ou defensores), diminuição do espaço de jogo, mudanças de regras, entre outros. Tais medidas objetivam facilitar o acesso ao jogo pelo iniciante, sem deixar de fomentar o desenvolvimento dos aspectos importantes da modalidade, além de incorporar tarefas táticas (GRECO, 1998). Além disso, as Estruturas Funcionais permitem também a utilização de “curingas”, ou seja, jogadores com funções exclusivamente ofensivas e que atuam com o intuito de apoiar os atacantes (GRECO, 1998). Ao tratar pedagogicamente do basquetebol (Professor 1) e handebol (Professor 5) foram observadas atividades organizadas em estruturas como 1x1+1, 2x1+1, 2x2, 3x3+2, entre outras.

O jogo em sua estrutura fundamental (número de jogadores, bola, espaço e alvo), mas com alterações de regras, também se fez presente entre as estratégias de ensino observadas. Ao trabalhar o basquetebol e o handebol dentro do jogo formal, modificações intencionais foram implementadas, como a proibição do drible, exigência de que todos atacantes deveriam receber a bola antes da finalização, número mínimo de passes, impedimento de passes de retorno, inexistência das passadas (progressão no handebol), entre outras. Tais modificações contribuíram para que, dentro do contexto do jogo, as técnicas (como os diferentes tipos de passe no basquetebol ou arremesso no handebol) surgissem em função da tática, de forma orientada e provocada (GARGANTA, 1995; PAES, 2009).

Em que pese uma recorrente preocupação com a ênfase dada aos métodos pautados pelo princípio analítico-sintético no ensino do esporte, ou seja, utilização demasiada de exercícios para o aprendizado ou aperfeiçoamento da técnica em contexto desvinculado do jogo (GRECO, 1998; GALATTI, 2014), se faz importante considerar que tal metodologia possui relevância e aplicabilidade a partir de sua especificidade. Conforme Dietrich, Dürrwachter e Schaller (1984), o ensino se dá a partir da realização de exercícios e repetição de tarefas com o objetivo de aprendizagem técnica e posterior aplicabilidade no jogo. Em nosso estudo, cinco dos seis docentes que foram observados

em alguma das aulas recorreram aos exercícios técnicos isolados do jogo. A partir dos objetivos elencados pelos professores, os exercícios foram aplicados com o intuito de proporcionar a vivência (aprendizado) ou o refino (aperfeiçoamento) dos gestos técnicos em questão, como por exemplo, o arremesso no handebol e o drible no basquetebol.

Conforme diversos autores (GRECO E BENDA, 1998; GARGANTA, 1995; COSTA E NASCIMENTO, 2004), a utilização do jogo com modificações que atendam a objetivos pré-definidos e que seja possível ao aluno aponta para diversas vantagens como: a aprendizagem ocorre de maneira gradativa; o próprio aluno participa do processo de tomada de decisão, o que o torna "agente ativo no seu processo de aprendizagem"; é viável trabalhar aspectos técnicos e táticos simultaneamente e; como consequência, o aprendizado das técnicas surge em função da tática (jogo), de forma orientada e provocada.

Nesse sentido, Pérez Morales e Greco (2007) avaliaram o comportamento tático de alunos de três grupos distintos de escolinhas de basquetebol, com meninos de 10 a 12 anos de idade. Entre as conclusões do estudo destaca-se o fato de que o grupo cujo processo de ensino-aprendizagem-treinamento teve ênfase numa metodologia situacional-global (jogos modificados e jogo formal) apresentou resultados superiores em termos de resolução de problemas de ordem tática se comparado aos grupos que apresentaram maior contribuição de métodos centrados na técnica (PÉREZ MORALES e GRECO, 2007). Nessa mesma perspectiva, ao estudarem jogadores masculinos de equipes de categoria mirim de futsal (12 e 23 anos), Silva e Greco (2009) mostraram que após 18 sessões de treino, os grupos que privilegiaram uma abordagem pautada em jogos obtiveram, se comparado ao grupo que centrou suas ações no método analítico, resultados mais significativos em termos de melhora da criatividade tática.

Considerações finais

A análise inicial do grupo de professores indicou que as práticas pedagógicas de ensino do esporte para a grande maioria ainda se encontram atreladas a metodologias tradicionais e que, apesar das idades dos alunos envolvidos, supervaloriza intervenções centradas na técnica esportiva fora do contexto de jogo.

Contudo, a análise da subamostra apontou que o espaço da escola pública, apesar das limitações de espaço e material, se mostrou viável para um trato pedagógico na iniciação às modalidades esportivas de forma mais abrangente, tratando a técnica e a tática de maneira planejada e intencional dentro do contexto de jogo.

O conhecimento acumulado acerca de novas metodologias de ensino do esporte tem ocupado espaço no debate acadêmico no Brasil há pelo menos 20 anos. Contudo, as evidências recentes vêm confirmando que ainda não foi suficiente para mudar uma realidade. Desta forma, crê-se que esforços simultâneos a partir dos cursos de graduação em Educação Física e Esportes, assim como de ações de formação continuada que envolva professores que estão atuando na escola poderão colaborar decisivamente para que as práticas docentes continuem sendo revistas e atualizadas em favor de um ensino mais direcionado às necessidades dos alunos.

Abstract

The objective of the study was to analyze the teaching methodology of sports in Physical Education in Pelotas, Brazil. Teachers of municipal and state administration answered a questionnaire about preferred methodology for the teaching of collective sports. Eight teachers were selected for a sub study through the observation of three classes. The results showed that most teachers still bases its intervention in sport education from traditional methods. On the other hand, the sub study showed the feasibility of using different game structures involved in the initiation of sports. The results support the idea that efforts in terms of continuing education in the field of Sport Pedagogy are needed.

Keywords: Physical Education and Training. Teaching. Methodology.

TÍTULO ESPANHOL

Resumen

Palabras clave: Educación y Entrenamiento Físico. Enseñanza. Metodología.

Referências

BETTI, I. C. R. Esporte na Escola: Mas é só isso professor? **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 25-31, jun.1999.

BORGES, R.R.K.; VOSER, R.C., Análise dos métodos de ensino em escolas de futsal de Porto Alegre. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 18, n.180, maio. 2013. Disponível em:< <http://www.efdeportes.com/efd85/futsal.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

COSTA, L. C. A.; NASCIMENTO, J. V. O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. **Revista da Educação Física**. Maringá. v. 15, n. 2, p. 49-56, 2004.

DAMAZIO, M. S. O Ensino da Educação Física e o espaço físico em questão. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v.11, n. 2, p. 197-207, maio/ago, 2008.

DARIDO, S.C. **Educação Física na Escola**: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

DIETRICH, K.; DÜRRWÄCHTER, G.; SCHALLER, H. **Os grandes jogos**: metodologia e prática. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

FORTES, M.O. et al. A Educação Física escolar na cidade de Pelotas-RS: contexto das aulas e conteúdos. **Revista de Educação Física**, Maringá, v. 23, n. 1, p. 69-78, 2012.

GALATTI, L. R. et al. Pedagogia do esporte: a diversidade na iniciação em basquetebol. In: RAMOS, V.; SAAD, M. A. MILISTETD, M. (Orgs.) **Jogos desportivos coletivos**: investigação e prática pedagógica. Florianópolis: UDESC, 2013. p. 81-104.

_____. Pedagogia do Esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 25, n. 1, p. 153-162, 2014.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Orgs.) **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 1995. p.11-25.

_____. O ensino dos jogos desportivos coletivos. Perspectivas e tendências. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 4, n.8, p. 19-27, 1998.

GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 1995.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. (Orgs.) **Iniciação esportiva universal**: da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Belo Horizonte: UFMG, v. 1, 1998.

GRECO, P. J. **Iniciação esportiva universal 2**: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

GRECO, P. J. Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos. In: GARCIA, E.S.; LEMOS, K.L.M. (Orgs.). **Temas Atuais VI** - Educação Física e Esportes. Belo Horizonte: Health, 2001, p. 48-72.

GRECO, P.J; SILVA, S. A.; SANTOS, L. R. Organização e planejamento pedagógico do esporte no Programa Segundo Tempo. In: OLIVEIRA, A.A.B.; PERIM, G. L. (Orgs.) **Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo**: da reflexão à prática. Maringá: EDUEM, 2009. P.165-208.

HINO, A. A. F.; REIS, R. S.; ANEZ, C. R. R. Observação dos níveis de atividade física, contexto das aulas e comportamento do professor em aulas de educação física do ensino médio da rede pública. **Revista brasileira de atividade física & saúde**, Londrina, v. 12, n. 3, p. 21-30, set./dez. 2007.

PAES, R. R. **Pedagogia do Esporte**: iniciação e treinamento em basquetebol. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

PÉREZ MORALES, J.C.; GRECO, P.J. A influência de diferentes metodologias de ensino-aprendizagem-treinamento no basquetebol sobre o nível de conhecimento tático processual. **Revista Brasileira Educação Física Esporte**, São Paulo, v.21, n.4, p.291-99, out./dez. 2007.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do Esporte**: jogos coletivos de invasão. São Paulo: Phorte, 2009.

SANTINE, J. A síndrome do esgotamento profissional em professores de educação física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista Brasileira Educação Física Esporte**, São Paulo, v.19, n.3, p.209-22, jul./set. 2005.

SILVA, M.V.; GRECO, P.J. A influência dos métodos de ensino-aprendizagem-treinamento no desenvolvimento da inteligência e criatividade tática em atletas de futsal. **Revista Brasileira Educação Física Esporte**, São Paulo, v.23, n.3, p.297-307, jul./set. 2009.

3. Apêndices

(Dissertação de João Gilberto Mattos Giusti)

Apêndice A - Questionário
Universidade Federal de Pelotas
Programa de Pós-Graduação em Educação Física
Estudo sobre as metodologias de ensino do esporte escolar

NP _ _ _

Nome do Professor: _____

Sexo: (1) M (2) F Idade: _____

Escola(s): _____

Séries com que trabalha:

Fundamental: () 5º ano () 6º ano () 7º ano () 8º ano () 9º ano

Médio: () 1º () 2º () 3º

Telefones para contato: _____

Email: _____

1. Há quanto tempo você é formado? _____

2. Há quanto tempo está atuando como professor de Educação Física na escola? _____

3. Possui pós-graduação? (0) Não (1) Sim – Preencha o quadro abaixo:

<i>Nível</i>	<i>Área</i>	<i>Curso</i>	<i>Ano de obtenção do título</i>
<i>Especialização</i>	1-		
	2-		
<i>Mestrado</i>			
<i>Doutorado</i>			

4. Nos últimos cinco anos, você participou de algum curso de formação sobre o tema “metodologia do ensino dos esportes”?

() Não () Sim – Qual?

5. Você trabalha com o esporte enquanto conteúdo nas aulas de Educação Física no ensino fundamental?

(☐) Não (☐) Sim – Quais modalidades?

(☐) Futsal (☐) Voleibol (☐) Basquetebol (☐) Handebol (☐) Outro: _____

6. Compreender uma metodologia ou método de ensino é pensar em caminhos e perceber que os significados mais comuns estão relacionados à maneira de ordenar ou organizar uma ação em busca de um objetivo.

Em se tratando de esporte, o método de ensino trata do caminho que se percorre para ensinar e inserir os alunos em suas práticas. Pensando neste conceito responda qual o método de ensino mais utilizado em suas aulas para o ensino dos esportes.

(☐) Método Parcial/Analítico-sintético, onde a ênfase está nos aspectos técnicos e na execução de elementos fundamentais próprios da modalidade, como, por exemplo, a condução, o drible, o passe e o chute...

(☐) Método Global/Funcional- onde a ênfase é exclusivamente para o jogo, caracterizado por alguns autores como “método da confrontação”.

(☐) Método Misto, caracterizada pela utilização simultânea de princípios pedagógicos de ambas as propostas (Parcial e a Global).

(☐) Outros Métodos.

Quais: _____

7. Responda, considerando a sua opinião, se os fatores abaixo listados influenciam na escolha do Método de Ensino nas aulas de Educação Física para turmas das séries finais do ensino fundamental.

Número de alunos – (☐) Não (☐) Sim – Dê um exemplo: _____

Espaço físico: (☐) Não (☐) Sim – Dê um exemplo: _____

Material: (☐) Não (☐) Sim – Dê um exemplo: _____

8. Em sua opinião, a escolha do Método de Ensino para o esporte nas aulas de Educação Física no ensino fundamental (5º/6º/7º/8º e 9º) está diretamente ligado à idade dos alunos com quem se aplicará a aula?

() Não () Sim

9. Se a resposta foi SIM, explique as razões:

10. Em sua opinião o conhecimento dos alunos e a experiência do professor com o conteúdo (esporte) a ser desenvolvido, influencia na escolha do método de ensino pelo professor?

() Não () Sim

11. Se a resposta foi SIM, explique as razões:

12. Para você o ensino dos esportes no ensino fundamental deve obedecer alguma sequência lógica?

- () Primeiro o ensino da técnica para depois vivenciar experiências táticas.
- () Primeiro vivenciar experiências táticas, para depois focar no ensino da técnica.
- () Não
- () Outra perspectiva

13. Se a resposta foi “NÃO” ou “OUTRA PERSPECTIVA”, explique as razões:

Apêndice B - Planilha de Observação de Aula - Borges e Voser (2013)

Universidade Federal de Pelotas Programa de Pós-Graduação em Educação Física Estudo sobre as metodologias de ensino do esporte escolar	
Nome do Professor: _____	NP _____
Escola: _____	
Série Observada: () 5º ano () 6º ano () 7º ano () 8º ano () 9º ano	
Número da aula observada: () aula 01 () aula 02 () aula 03	
Tema /conteúdo: _____	
MATRIZ DE OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DAS AULAS: Análise quantitativa da utilização dos métodos de ensino nas aulas de Educação Física, cujo conteúdo é alguma modalidade esportiva coletiva. Operacionalização das Categorias de análise da Matriz CATEGORIAS: 1- Outros = Alongamentos, conversa, aquecimento sem bola e recreativo sem bola (sem a intenção de desenvolver a técnica). 2- Aprendizado através da técnica = atividades práticas apresentadas aos alunos de forma analítica. 3- Aprendizado através do próprio jogo = prática do próprio jogo formal, com suas regras básicas, sem adaptação ou qualquer tipo de mudança da regra com intuito pedagógico. 4- Aprendizado através dos Jogos condicionados e/ou situacionais = atividades que estimulam o aprendizado e compreensão global do jogo. Nesta abordagem o jogo é decomposto em unidades funcionais, estimulando a tomada de decisão e a inteligência tática. — Estrutura funcional “as estruturas funcionais estão caracterizadas por apresentar um número variado de jogadores que participam em uma situação desenvolvendo tarefas de defesa e ataque, de contra-ataque e de retorno defensivo, semelhantes as que se apresentam no jogo formal. No número de informações a serem considerados pelos protagonistas não têm o mesmo grau de complexidade, pois se modificam diferentes parâmetros inerentes ao jogo tais como: número de colegas, número de adversários, material de jogo, regras do jogo, tamanho do espaço de jogo (campo), entre outros, com a finalidade de facilitar o processo de ensino-aprendizado-treinamento (GRECO 2001)”.	

Perguntas finais:

1- Quais eram os objetivos da aula de hoje?

2- Como você relaciona os objetivos específicos da aula e as atividades desenvolvidas?

3- A partir da avaliação da aula de hoje, quais serão os próximos passos?

Perguntas para a 3ª e última entrevista:

Se você pudesse, qual modificação faria na estrutura de trabalho com essa turma para que os objetivos fossem mais facilmente atingidos?

Estrutura física:

Materiais:

Número de alunos:

Formação das turmas:

Maior valorização da disciplina:

Outros:

Terias algum livro, proposta ou autor da área da pedagogia do esporte que fundamenta teu trabalho?

Apêndice C - Termo de Consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisador responsável: Mario Renato de Azevedo Júnior

Instituição: Universidade Federal de Pelotas – Escola Superior de Educação Física

Endereço: Rua Luís de Camões, 625– CEP: 96055-630 – Pelotas/RS – telefone: (53)3273-2752

Concordo em participar do estudo “O ensino do esporte na Educação Física Escolar: uma análise a partir do uso do jogo como estratégia metodológica”. Estou ciente de que estou sendo convidado a participar voluntariamente do mesmo.

PROCEDIMENTOS: Fui informado de que o objetivo geral será “investigar sobre as metodologias de ensino do esporte no âmbito da Educação Física escolar da cidade de Pelotas-RS nas séries finais do ensino fundamental”, cujos resultados serão mantidos em sigilo e somente serão usadas para fins de pesquisa. Estou ciente de que a minha participação envolverá resposta a questionários e entrevistas.

RISCOS E POSSÍVEIS REAÇÕES: Fui informado de que não existem riscos no estudo.

BENEFÍCIOS: *“O benefício de participar da pesquisa relaciona-se ao fato que os resultados serão incorporados ao conhecimento científico e posteriormente a situações de ensino-aprendizagem junto dos professores da rede pública da cidade de Pelotas”.*

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: Como já me foi dito, minha participação neste estudo será voluntária e poderei interrompê-la a qualquer momento.

DESPESAS: Eu não terei que pagar por nenhum dos procedimentos, nem receberei compensações financeiras.

CONFIDENCIALIDADE: Estou ciente que a minha identidade permanecerá confidencial durante todas as etapas do estudo.

CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Formulário de Consentimento Pré-Informado será assinado por mim e arquivado na instituição responsável pela pesquisa.

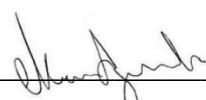
Nome do participante: _____

Identidade: _____

ASSINATURA: _____ DATA: ____ / ____ / ____

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO INVESTIGADOR: Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se o participante tiver alguma dúvida ou preocupação sobre o estudo pode entrar em contato através do meu endereço acima. Para outras considerações ou dúvidas sobre a ética da pesquisa, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da ESEF/UFPel – Rua Luís de Camões, 625 – CEP: 96055-630 - Pelotas/RS; Telefone CEP (53)3273-2752.

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL



Prof. Mario Renato de Azevedo Junior

4. Anexos

(Dissertação de João Gilberto Mattos Giusti)

Anexo A - Normas Revista Pensar A Prática

Diretrizes para Autores

Foco da Revista: *Pensar a Prática* publica artigos relacionados ao Campo Acadêmico-Profissional da Educação Física. É editada sob a responsabilidade institucional da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás com periodicidade trimestral e as submissões podem ser realizadas a qualquer tempo, em sistema de demanda contínua.

Seções: Os textos submetidos à Revista *Pensar a Prática* devem ser direcionados para uma das seguintes seções, porém, a critério dos editores, o manuscrito poderá ser redirecionado para outra seção:

Artigos Originais

São trabalhos resultantes de pesquisa empírica com dados originais apresentados no resumo e no corpo do texto considerando a seguinte estrutura: introdução, problema, objetivos, metodologia, resultados e discussão.

Artigos de Revisão

São trabalhos que têm por objeto resumir, analisar, avaliar ou sintetizar trabalhos teóricos e/ou de investigação já publicados.

Ensaio

São trabalhos que apresentam reflexões teóricas próprias, elaborados a partir de interpretações livres e originais, ainda que sem dispensar inteiramente um rigoroso aparato de documentação empírica e bibliográfica.

Resenhas

São trabalhos que apresentam comentários e avaliações críticas de livros, filmes, peças, coreografias ou outros produtos resultantes de reflexões acadêmicas, artísticas ou de outras natureza.

Apoio financeiro: É obrigatório informar no manuscrito, sob a forma de nota de rodapé, na primeira página do texto, todo e qualquer auxílio financeiro recebido para a elaboração da pesquisa. Caso não tenha recebido nenhum apoio financeiro, acrescentar a seguinte nota de rodapé: "O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização".

Ensaio Clínico: A *Pensar a Prática* apoia as políticas para registro de ensaios clínicos da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Internacional Committee Of Medical Journal Editors (ICMJE), reconhecendo a importância dessas iniciativas para o registro e divulgação internacional de informações sobre estudos clínicos, em acesso aberto. Sendo assim, somente serão aceitos para publicação, a partir de 2007, os artigos de pesquisas clínicas que tenham recebido um número de identificação em um dos registros de ensaios clínicos validados pelos critérios estabelecidos pela OMS e ICMJE, cujos endereços estão disponíveis no site do ICMJE (<http://www.icmje.org/>). O número de identificação deve ser registrado ao final do resumo.

Língua: Os textos encaminhados para publicação devem ser inéditos e redigidos na língua portuguesa, inglesa ou espanhola.

Formatos: Todos os trabalhos devem ser enviados por meio do Sistema Eletrônico de Editoração de Revista (SEER), ao endereço: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/>. O texto deve estar gravado em formato Microsoft Word. Os metadados deverão ser preenchidos com o título do trabalho, nome(s) do(s) autor(es), último grau acadêmico, instituição que trabalha, endereço postal, telefone, fax e e-mail. É necessário também uma breve descrição biográfica, no campo determinado.

Tamanho: Os textos deverão ser digitados em editor de texto Word for Windows, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço simples. O tamanho máximo para o artigo (sem contar títulos, resumos, palavras-chave e referências ao final) será de trinta mil caracteres (contando espaços) e para a resenha será de dez mil caracteres (contando espaços). Não serão aceitos trabalhos que ultrapassem esses limites.

Título do trabalho: O título deve ser breve e suficientemente específico e descritivo, acompanhado de sua tradução para a língua inglesa e espanhola.

Resumo: Deve ser elaborado um resumo informativo, incluindo objetivo, método, resultado, conclusão, acompanhado de sua tradução para as línguas inglesa e espanhola. Cada resumo que acompanhar o artigo deverá ter, no máximo, 790 caracteres (contando espaços). Para contar os caracteres, usar-se-á, no Word, no item "Ferramentas", a opção "Contar Palavras".

Palavras-chave (Palabras-clave, Keywords): Constituídas de até quatro termos que identifiquem o assunto do artigo em português, inglês e espanhol **separados por ponto**. Os termos devem constar **obrigatoriamente e por inteiro** nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Disponível em <http://decs.bvs.br>

Agradecimentos: Agradecimentos a auxílios recebidos para a elaboração do trabalho poderão ser mencionados no final do artigo.

Notas: Notas contidas no artigo devem ser indicadas com algarismos arábicos imediatamente depois da frase ou palavra a que diz respeito. As notas deverão vir no rodapé da página correspondente.

Apêndices: Apêndices podem ser empregados no caso de listagens extensivas, estatísticas e outros elementos de suporte.

Figuras e tabelas: Fotografias nítidas, gráficos e tabelas em preto e branco (estritamente indispensáveis à clareza do texto). Caso as ilustrações incorporadas ao artigo já tiverem sido publicadas, o autor deverá mencionar a fonte.

Comitê de Ética: Os critérios éticos da pesquisa devem ser respeitados dentro dos termos das Resoluções 196/96 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde. Quando envolver experimentos com seres humanos os autores deverão encaminhar como "documento suplementar" o parecer de Comitê de Ética reconhecido ou declaração de que os procedimentos empregados na pesquisa estão de acordo com os princípios éticos norteadores das resoluções.

Conflitos de interesse: Caso haja conflitos de interesse na pesquisa explicitar na submissão em comentário para o editor.

Termo de Responsabilidade de autoria: Quando os manuscritos submetidos e aprovados tiverem seis ou mais autores, deverá ser enviada uma declaração de responsabilidade de autoria assinada por todos e digitalizada.

Referências: NBR 6023/2002. A exatidão e adequação das referências a trabalhos que tenham sido consultados e mencionados no texto são da responsabilidade do autor. Informação oriunda de comunicação pessoal, trabalhos em andamento e não publicados não devem ser incluídos na lista de referências, mas podem ser indicados em nota de rodapé na página onde for citada.

Recomendações: Recomenda-se que se observem as normas da ABNT referentes a apresentação de artigos em publicações periódicas (NBR 6022/2003), apresentação de citações em documentos (NBR 10.520/2002), apresentação de originais (NBR 12256), norma para datar (NBR 5892) e resumos (NBR 6028/2003), bem como a norma de apresentação tabular do IBGE.

Exemplos de Referências:

Livros com um autor: AUTOR. **Título.** Edição. Local: Editora, ano. Exemplo: MARINHO, I. P. **Introdução ao estudo de filosofia da educação física e dos desportos.** Brasília: Horizonte, 1984.

Livros com dois autores: AUTORES separados por ponto e vírgula. **Título.** Edição. Local: Editor, ano. Exemplo: ACCIOLY, A. R.; MARINHO, I. P. **História e organização da educação física e desportos.** Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1956.

Livros com três autores: AUTORES separados por ponto e vírgula. **Título.** Edição. Local: Editor, ano. Exemplo: REZER, R.; CARMENI, B.; DORNELLES, P. O. **O fenômeno esportivo: ensaios crítico-reflexivos.** 4. ed. São Paulo: Argos, 2005. 250 p.

Livros com mais de três autores: Entrada pelo primeiro autor, seguido da expressão *et al.* **Título.** Local: Editora, ano. Exemplo: TANI, G. *et al.* **Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista.** São Paulo: EPU, 1988.

Livros com organizadores, coordenadores: ORGANIZADOR ou COORDENADOR, etc. (Org. ou Coord. ou Ed.) **Título.** Local: Editora, ano. Exemplo: CRUZ, I. *et al.* (Orgs.). **Deusas e guerreiras dos jogos olímpicos.** 4. ed. São Paulo: Porto, 2006. 123 p. (Coleção Fio de Ariana).

Partes de livros com autoria própria: AUTOR da parte referenciada. Título da parte referenciada. Referência da publicação no todo precedida de In: Localização da parte referenciada. Exemplo: GOELLNER, S. Mulher e Esporte no Brasil: fragmentos de uma história generificada. In: SIMÕES, A. C.; KNIJIK, J. D. **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho.** São Paulo: Aleph, 2004. p. 359-374.

Dissertações, teses, trabalhos de conclusão de curso: AUTOR. **Título.** Ano. Paginação. Tipo do documento (dissertação, tese, trabalho de conclusão de curso), grau entre parênteses (Mestrado, Doutorado, Especialização em...) – vinculação acadêmica, o local e o ano da defesa. Exemplo: SANTOS, F. B. **Jogos intermunicipais do Rio Grande do Sul: uma análise do processo de mudanças ocorridas no período de 1999 a 2002.** 2005. 400 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

Trabalhos de eventos: AUTOR. Título do trabalho de evento. Referência da publicação no todo precedida de In: localização da parte referenciada. Paginação da parte referenciada. Exemplo: SANTOS, F. B. Jogos intermunicipais do Rio Grande do Sul: uma análise do processo de mudanças ocorridas no período de 1999 a 2002. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14., 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: MFPA, 2005. v. 1, p. 236-240.

Artigos de revistas/periódicos: AUTOR do artigo. Título do artigo. **Título da revista**, local, v., n., páginas, mês, ano. Exemplo: ADELMAN, M. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-29, jan./abr., 2006.

Artigos de jornais: AUTOR do artigo. Título do artigo. **Título do jornal**, local, data (dia, mês e ano). Caderno, p. Exemplo: SILVEIRA, J. M. F. Sonho e conquista do Brasil nos jogos olímpicos do século XX. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 12 abr. 2003. p. 25-27.

Leis, decretos, portarias, etc.: LOCAL (país, estado ou cidade). **Título** (especificação da legislação, nº e data). Indicação da publicação oficial. Exemplo: BRASIL. Decreto nº 60.450, de 14 de abril de 1972. Regula a prática de educação física em escolas de 1º grau. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, v. 126, n. 66, p. 6056, 13 abr. 1972. Seção 1, pt. 1.

Documentos eletrônicos online: AUTOR. **Título.** Local, data. Disponível em: < >. Acesso em: dd mm aaaa. Exemplo: LÓPEZ RODRÍGUEZ, A. Es la Educación Física, ciencia? **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 9, n. 62, jul. 2003. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/indic62.htm> >. Acesso em: 20 maio 2004.

HERNANDES, E. S. C.; BARROS, J. F. Efeitos de um programa de atividades físicas e educacionais para idosos sobre o desempenho em testes de atividades da vida diária. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 43-50, 5 jun. 2004. Quadrimestral. Disponível em: < <http://www.efmuzambinho.org.br> >. Acesso em: 5 jun. 2004.

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. A contribuição deve ser original e inédita e não estar sendo avaliada para publicação por outra revistas.
2. Os arquivos para submissão devem estar em formato *Word* ('exemplo.doc'), Fonte *Times New Roman*, Tamanho 12, Espaçamento Simples entre linhas; o texto deve empregar **ITÁLICO** ao invés de sublinhar (exceto em endereços URL); com figuras e tabelas inseridas NO TEXTO, e não em seu final.
3. Todos os endereços de URL no texto (Ex.: <http://www.ibict.br>) devem estar ativos e prontos para clicar.

4. Deve ser retirada a identificação do arquivo do *Word* (para retirar a identificação do *Word* abra-o no *Word* na barra de títulos Arquivo/ Propriedades/ Resumo e exclua todas as informações). Esse procedimento garante o critério de sigilo da revista.

5. Deve constar no CORPO DO TEXTO:

- o Título;
- o Resumo e;
- o Palavra(s)-chave;

*Todos os três itens acima DEVEM estar disponíveis nos idiomas: Português, Inglês e Espanhol.

6. Os METADADOS deverão ser preenchidos com:

- o Título, Resumo e Palavra(s)-chave nos idiomas Português, Inglês e Espanhol;
- o Nome(s) do(s) autor(es);
- o Último grau acadêmico (APENAS);
- o Instituição em que trabalha;
- o Endereço postal, telefone/fax e e-mail e;
- o É necessário fazer uma breve descrição na biografia que será incluída no artigo como nota de rodapé.

7. No corpo do texto NÃO deverá existir informações/identificação referente(s) ao(s) autor(es).

*Essas informações devem constar APENAS no Sistema Eletrônico da *Revista Pensar a Práticas* nas partes referentes ao preenchimento dos METADADOS.

8. O tamanho máximo para os artigos (sem contar os caracteres dos títulos, dos três resumos, das palavras-chave e das referências) será de 30.000 (trinta mil) caracteres, contando os espaços.

Para as Resenhas o tamanho máximo será de 10.000 (dez mil) caracteres - contando espaços. Não é necessário, para as Resenhas, a presença dos títulos, dos três resumos e das palavras-chave. Sendo obrigatória a referência da obra resenhada.

Os Resumos NAS TRÊS LÍNGUAS deverão conter, no máximo, 790 caracteres.

9. Incluir na biografia do(s) autor(es) o *link* do Currículo Lattes.
10. O artigo não poderá exceder o número de seis autores.

Declaração de Direito Autoral

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- a. Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a **Creative Commons Attribution License** que permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
- b. Autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não-exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
- c. Autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou

durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado (Veja **O Efeito do Acesso Livre**).